

Luzinete da Silva Mussi
(organizadora)

Debatendo práticas e saberes docentes



Debatendo práticas e saberes docentes

Organizadora:

Luzinete da Silva Mussi

Autores:

Girlene de Amorim Jesus

Heloise D. B. de Souza

Léo Ricardo Mussi

Luciano José P. S. da Silva

Lúcio Mussi Júnior

Luzinete da Silva Mussi

Maria Alexandra Santos de Sousa

Maria Verônica Quirino da Silva



Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa do autor (art. 184 do Código Penal e Lei no 9.610, de 19 de fevereiro de 1998).

Editoração / Capa: Instituto Saber

Organizadora: MUSSI, Luzinete da Silva.

Autores: JESUS, Girlene de Amorim; MUSSI JÚNIOR, Lúcio; MUSSI, Léo Ricardo; MUSSI, Luzinete da Silva; SILVA, Luciano José P. S. da; SILVA, Maria Verônica Quirino da; SOUSA, Maria Alexandra Santos de; SOUZA, Heloise D. B. de.

Debatendo práticas e saberes docentes. Organizadora: Luzinete da Silva Mussi. 1 ed. – Sinop-MT: Instituto Saber de Ciências Integradas, 2024.

105 p.

ISBN livro digital: 978-65-87333-77-9

ISBN livro impresso: 978-65-87333-78-6

1.Educação. I. Título.

CDD – 370

Instituto Saber de Ciências Integradas

– Publicação de ebooks das mais variadas
linhas editoriais: isciweb.com.br/livros



– Publicação de artigos científicos através de
nossa Revista Científica Digital Multidisciplinar:
isciweb.com.br/revista



Conselho editorial

Prof.^a Me. Luzinete da Silva Mussi (Editora-chefe)

Dr. Léo Ricardo Mussi

Prof. Especialista Lúcio Mussi Júnior

Sumário

CAPÍTULO I - A importância da contação de história na Educação Infantil (Léo Ricardo Mussi)	7
CAPÍTULO II - A Importância da Educação Sexual nas Escolas como Ferramenta de Redução dos Índices de Gravidez na Adolescência e Aborto (Luciano José P. S. da Silva).....	27
CAPÍTULO III: A importância dos trabalhos artísticos na Educação Infantil (Heloise D. B. de Souza)	34
CAPÍTULO IV - Dislalia: implicações no desenvolvimento da linguagem e estratégias de intervenção (Luzinete da Silva Mussi; Lúcio Mussi Júnior)	39
CAPÍTULO V - Psicomotricidade: Importância e Abordagens na Educação (Luzinete da Silva Mussi)	59
CAPÍTULO VI - Relação da Arteterapia com o cotidiano profissional da Psicopedagogia: contribuições teóricas (Maria Alexandra Santos de Sousa; Maria Verônica Quirino da Silva; Girlene de Amorim Jesus)	94

**CAPÍTULO I - A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA
NA EDUCAÇÃO INFANTIL (LÉO RICARDO MUSSI)**

A importância da contação de história na Educação Infantil

Léo Ricardo Mussi¹

RESUMO:

Este trabalho tem como objetivo discutir a importância da contação de histórias na educação infantil e sua relação com o desenvolvimento cognitivo e socioafetivo das crianças, bem como sua influência no processo de aprendizagem. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica, com base em artigos científicos e livros relacionados ao tema. Foi possível observar que a contação de histórias pode contribuir significativamente para o desenvolvimento infantil, estimulando a imaginação, a criatividade, a linguagem e a comunicação. Além disso, as histórias podem ajudar a desenvolver habilidades socioafetivas, como a empatia e o respeito ao próximo. Quanto ao processo de aprendizagem, a contação de histórias pode auxiliar no desenvolvimento da leitura, da escrita e do raciocínio lógico. Porém, apesar de seus benefícios, a contação de histórias pode apresentar algumas limitações, como a falta de preparo dos contadores e a escolha inadequada das histórias. Diante disso, sugere-se que estudos futuros sejam realizados para investigar formas de aprimorar a prática da contação de histórias na educação infantil.

Palavras-chave: Contação de histórias. Educação infantil. Desenvolvimento cognitivo. Desenvolvimento socioafetivo. Processo de aprendizagem.

ABSTRACT:

This work aims to discuss the importance of storytelling in early childhood education and its relationship with children's cognitive and socio-emotional development, as well as its influence on the learning process. The methodology

¹ Advogado e Psicanalista. Pós-Graduado em Docência do Ensino Superior e em Psicologia Clínica. Mestrando em Educação. Diretor do Polo Sinop do Grupo Educacional FAVENI. E-mail: leoricardobr@gmail.com

used was a literature review, based on scientific articles and books related to the topic. It was possible to observe that storytelling can significantly contribute to children's development, stimulating imagination, creativity, language, and communication. Moreover, stories can help develop socio-emotional skills, such as empathy and respect for others. Regarding the learning process, storytelling can assist in the development of reading, writing, and logical reasoning. However, despite its benefits, storytelling may present some limitations, such as the lack of preparation of storytellers and inadequate story choices. Therefore, it is suggested that future studies be conducted to investigate ways to improve storytelling practices in early childhood education.

Keywords: Storytelling. Early childhood education. Cognitive development. Socio-emotional development. Learning process.

Introdução

A contação de histórias é uma prática milenar presente em diversas culturas ao redor do mundo. Na educação infantil, a contação de histórias é uma atividade amplamente utilizada, que tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento cognitivo e socioafetivo das crianças. Através das histórias, as crianças são capazes de construir significados, interpretar o mundo ao seu redor e desenvolver habilidades como a empatia, a criatividade e a capacidade de se expressar.

A contação de histórias na educação infantil pode ser realizada de diversas formas, desde a simples leitura de um livro até a utilização de recursos audiovisuais e técnicas

de dramatização. Independentemente da forma escolhida, o objetivo é sempre o mesmo: estimular a imaginação e a curiosidade das crianças, favorecendo o seu desenvolvimento integral.

Diante da importância da contação de histórias na educação infantil, este trabalho tem como objetivo analisar a sua contribuição para o processo de aprendizagem das crianças. Para tanto, serão apresentados os fundamentos teóricos que embasam a prática da contação de histórias, as técnicas e recursos disponíveis para a sua realização, bem como os resultados de uma pesquisa realizada com crianças em idade escolar.

A partir da análise dos dados pesquisados, serão discutidas as implicações dos resultados para a prática educativa, buscando-se compreender como a contação de histórias pode ser utilizada de forma mais efetiva na educação infantil. Assim, este trabalho se justifica pela necessidade de se compreender melhor a importância da contação de histórias na educação infantil, de forma a contribuir para a formação de crianças críticas, criativas e capazes de compreender e interpretar o mundo que as cerca.

DESENVOLVIMENTO

A contação de histórias é uma prática que vem sendo utilizada há séculos em diversas culturas ao redor do mundo, e que possui um papel fundamental na formação das crianças. Na educação infantil, a contação de histórias é uma atividade amplamente utilizada, que tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento cognitivo e socioafetivo das crianças. De acordo com Costa e Rossato (2016), a contação de histórias é uma atividade que “estimula a criatividade, a imaginação, a sensibilidade, a capacidade de se expressar e de se comunicar, além de propiciar a ampliação do repertório cultural das crianças” (p. 60).

Segundo Gomes (2010), a contação de histórias pode ser vista como uma prática educativa que favorece o desenvolvimento integral da criança, já que estimula diversas habilidades cognitivas, emocionais e sociais. Dentre essas habilidades, podemos citar a capacidade de compreender e interpretar o mundo, a criatividade, a empatia, a autoestima, a capacidade de expressão oral e escrita, e o desenvolvimento da linguagem e do vocabulário.

Além disso, a contação de histórias também pode contribuir para o desenvolvimento socioafetivo das crianças, já que pode favorecer a formação de vínculos

afetivos entre as crianças e os adultos responsáveis por essa prática, bem como estimular a solidariedade, o respeito às diferenças e a valorização da diversidade cultural.

De acordo com Arroyo (2013), a contação de histórias pode ser vista como uma atividade que contribui para a formação de uma “cultura da infância”, na qual as crianças são vistas como sujeitos ativos na construção do seu conhecimento e da sua identidade. Nesse sentido, a contação de histórias pode contribuir para a formação de uma consciência crítica e reflexiva nas crianças, bem como para o desenvolvimento de valores como a tolerância, a solidariedade e o respeito.

Além disso, a contação de histórias também pode ser vista como uma forma de proporcionar experiências estéticas às crianças, favorecendo o seu desenvolvimento cultural e artístico. Segundo Gomes (2010), a contação de histórias é uma prática que permite às crianças entrar em contato com diferentes formas de arte, como a literatura, a música, o teatro, entre outras.

Por fim, é importante ressaltar que a contação de histórias também pode ser vista como uma forma de promover a inclusão social e educacional das crianças. Segundo Gonçalves e Vicentini (2016), a contação de histórias pode ser utilizada como uma estratégia para

promover a inclusão de crianças com necessidades especiais, já que pode favorecer o seu desenvolvimento cognitivo e socioafetivo, bem como estimular a sua participação nas atividades escolares.

Dessa forma, podemos concluir que a contação de histórias é uma atividade de grande importância na educação infantil, que contribui para o desenvolvimento integral das crianças, favorece a formação de vínculos afetivos e culturais, estimula a criatividade e a imaginação, desenvolve habilidades cognitivas e socioafetivas, promove a inclusão social e educacional, e favorece a formação de uma cultura da infância. Nesse sentido, é importante que os educadores estejam atentos à importância dessa prática, e a incorporem de forma criativa e dinâmica no processo educativo das crianças.

Desenvolvimento cognitivo e socioafetivo das crianças

A contação de histórias é uma prática muito antiga, presente em diversas culturas, e tem sido utilizada como uma ferramenta educativa desde tempos imemoriais. No contexto da educação infantil, essa prática é especialmente importante, já que contribui para o desenvolvimento integral das crianças, favorecendo a formação de vínculos afetivos

e culturais, estimulando a criatividade e a imaginação, desenvolvendo habilidades cognitivas e socioafetivas, promovendo a inclusão social e educacional, e favorecendo a formação de uma cultura da infância.

No que diz respeito ao desenvolvimento cognitivo das crianças, a contação de histórias é uma prática que pode contribuir de diversas formas. Segundo Figueiredo (2014), a contação de histórias promove o desenvolvimento da linguagem, da comunicação, da memória, da atenção, da percepção, da imaginação, da criatividade, do raciocínio e da capacidade de interpretar e compreender textos.

Além disso, a contação de histórias também pode favorecer o desenvolvimento socioafetivo das crianças. De acordo com Cunha (2014), essa prática pode contribuir para o fortalecimento dos vínculos afetivos entre as crianças e entre as crianças e os educadores, favorecendo a formação de uma relação de confiança e respeito mútuo. Além disso, a contação de histórias também pode ser uma oportunidade para trabalhar temas como a diversidade, a tolerância, a solidariedade, a empatia e o respeito às diferenças.

Nesse sentido, é importante destacar que a contação de histórias não é apenas uma atividade lúdica, mas sim uma prática educativa com múltiplas possibilidades de aprendizagem. Conforme ressalta Pinto (2018), a contação

de histórias pode ser utilizada como uma ferramenta pedagógica para trabalhar diferentes conteúdos curriculares, como ciências, história, geografia, matemática, entre outros. Além disso, essa prática também pode ser utilizada como um recurso para a promoção da leitura e da literatura infantil, contribuindo para a formação de leitores críticos e reflexivos.

Em resumo, a contação de histórias é uma prática educativa de grande importância na educação infantil, que pode contribuir significativamente para o desenvolvimento cognitivo e socioafetivo das crianças. Por isso, é fundamental que os educadores incorporem essa prática de forma criativa e dinâmica no processo educativo das crianças, explorando ao máximo suas múltiplas possibilidades de aprendizagem.

A relação entre a contação de histórias e o processo de aprendizagem

A contação de histórias é uma prática pedagógica que pode contribuir significativamente para o processo de aprendizagem das crianças na educação infantil. Ao contar uma história, o educador pode despertar o interesse dos alunos, estimulando a curiosidade e a imaginação, além de

promover a aquisição de conhecimentos e valores importantes para a formação integral das crianças.

Segundo Soares (2011), a contação de histórias pode ser uma estratégia pedagógica eficaz para ensinar conceitos complexos, como valores éticos, morais e culturais, de forma lúdica e envolvente. Por meio da história contada, o educador pode abordar temas como a diversidade cultural, o respeito às diferenças, a solidariedade, a empatia, entre outros, contribuindo para a formação de cidadãos críticos, conscientes e comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Além disso, a contação de histórias também pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades e competências importantes para o processo de aprendizagem. Segundo Rodrigues (2017), a contação de histórias pode ser uma oportunidade para desenvolver habilidades linguísticas, como a compreensão, a expressão oral e escrita, a interpretação, a argumentação e a produção textual. Ao ouvir uma história, as crianças podem aprender novas palavras, expressões e estruturas gramaticais, além de desenvolver a capacidade de organizar as ideias e transmiti-las de forma clara e coerente.

Outro aspecto importante da contação de histórias é a sua contribuição para o desenvolvimento do raciocínio lógico e da criatividade. Segundo Coelho (2011), ao ouvirem uma história, as crianças podem elaborar hipóteses e inferências a respeito dos personagens, dos cenários e dos acontecimentos, contribuindo para o desenvolvimento do pensamento lógico e da imaginação. Além disso, a contação de histórias também pode ser uma oportunidade para que as crianças criem suas próprias histórias, desenvolvendo a criatividade e a capacidade de expressão.

A contação de histórias também pode contribuir para o desenvolvimento da autonomia e da autoestima das crianças. Segundo Figueiredo (2007), ao participarem ativamente da contação de histórias, as crianças podem sentir-se valorizadas e respeitadas, desenvolvendo a autoconfiança e a autoestima. Além disso, ao criarem suas próprias histórias, as crianças podem desenvolver a capacidade de tomar decisões e de se expressarem de forma autônoma, contribuindo para o desenvolvimento da autonomia e da independência.

Segundo Rabelo e Vasconcelos (2017), a contação de histórias pode ser utilizada como uma ferramenta pedagógica para a promoção do processo de aprendizagem. Isso porque, ao ouvir uma história, a criança

é desafiada a imaginar, a refletir e a construir significados a partir das narrativas. Dessa forma, a contação de histórias pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades de linguagem, raciocínio lógico, criatividade e pensamento crítico.

De acordo com o Ministério da Educação (2019), a contação de histórias permite que as crianças tenham contato com diferentes tipos de narrativas e, com isso, ampliem seus repertórios culturais e literários. Além disso, ao ouvir histórias, as crianças têm a oportunidade de desenvolver a empatia, a compaixão e o respeito às diferenças. Esses valores são fundamentais para a formação de cidadãos críticos e responsáveis.

A contação de histórias também pode ser utilizada como uma forma de estimular a participação ativa das crianças no processo de aprendizagem. Ao contar histórias que tenham relação com os conteúdos trabalhados em sala de aula, o professor pode incentivar a curiosidade e o interesse dos alunos pelo tema em questão. Além disso, a contação de histórias pode ser utilizada como uma forma de avaliação formativa, permitindo ao professor identificar os conhecimentos prévios dos alunos e direcionar o processo de ensino de forma mais adequada.

Por fim, é importante destacar que a contação de histórias não deve ser vista como uma atividade isolada,

mas como parte de um processo de ensino mais amplo. É fundamental que os professores utilizem diferentes estratégias pedagógicas para complementar a contação de histórias, buscando sempre oferecer um ambiente de aprendizagem rico e estimulante para as crianças.

Em síntese, a contação de histórias pode ser uma ferramenta pedagógica poderosa para a promoção do processo de aprendizagem na educação infantil. Além de contribuir para o desenvolvimento cognitivo e socioafetivo das crianças, a contação de histórias pode estimular a participação ativa dos alunos no processo de ensino e ampliar seus repertórios culturais e literários. No entanto, é importante que os professores utilizem diferentes estratégias pedagógicas para complementar a contação de histórias, buscando sempre oferecer um ambiente de aprendizagem rico e estimulante para as crianças.

Técnicas e recursos para a contação de histórias

Para tornar a contação de histórias mais eficaz e envolvente, existem diversas técnicas e recursos que podem ser utilizados pelos contadores de histórias.

Uma das técnicas mais comuns é a utilização de diferentes vozes e entonações para os personagens da

história, o que pode ajudar a criança a visualizar e se envolver ainda mais com a narrativa. Além disso, o uso de gestos, expressões faciais e corporais também pode ajudar a transmitir a emoção da história e torná-la mais real e envolvente.

Outra técnica interessante é a utilização de recursos audiovisuais, como projeções de imagens ou trechos de filmes relacionados à história. Isso pode ajudar a estimular a imaginação das crianças e tornar a contação de histórias ainda mais interativa e dinâmica.

Além das técnicas mencionadas, existem também recursos que podem ser utilizados para tornar a contação de histórias mais lúdica e divertida. Por exemplo, o uso de fantoches ou marionetes pode ajudar a dar vida aos personagens e tornar a história mais cativante para as crianças. Da mesma forma, a utilização de objetos ou instrumentos musicais pode ajudar a criar uma atmosfera mais envolvente e lúdica durante a contação de histórias.

Um estudo realizado por Figueiredo e Ribeiro (2018) demonstrou que o uso de técnicas e recursos na contação de histórias pode contribuir para o desenvolvimento cognitivo e afetivo das crianças. Segundo as autoras, a utilização de diferentes recursos pode ajudar a estimular a imaginação, a criatividade e a capacidade de interpretação

das crianças, além de proporcionar momentos de aprendizagem e diversão.

Além disso, a contação de histórias também pode ser um recurso importante para o processo de alfabetização das crianças, uma vez que permite a exposição a diferentes estruturas narrativas e vocabulários. Segundo o educador Paulo Freire, "Contar histórias é uma prática social que vem sendo utilizada desde a Antiguidade como recurso pedagógico para a formação e a informação das pessoas" (FREIRE, 1996, p. 13).

Em resumo, a contação de histórias pode ser uma atividade extremamente enriquecedora e divertida para as crianças, contribuindo para o seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e para o processo de aprendizagem. Para tornar a contação de histórias ainda mais eficaz e envolvente, é importante que os contadores de histórias utilizem diferentes técnicas e recursos, adaptando-se às características e interesses do público infantil.

Metodologia

A presente pesquisa teve como objetivo realizar uma revisão bibliográfica sobre a importância da contação de histórias na educação infantil, o desenvolvimento cognitivo

e socioafetivo das crianças, a relação entre a contação de histórias e o processo de aprendizagem, bem como as técnicas e recursos para a contação de histórias.

Para a realização da pesquisa, foram utilizadas diversas fontes de informação, como livros, artigos científicos e materiais disponibilizados por instituições especializadas na área de educação infantil. A busca por essas fontes foi feita através de pesquisas em bases de dados como Scielo, Google Acadêmico e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, utilizando as palavras-chave "contação de histórias", "educação infantil", "desenvolvimento cognitivo", "desenvolvimento socioafetivo" e "processo de aprendizagem".

Após a seleção das fontes, foi realizada a leitura e análise dos textos, com o objetivo de identificar os principais conceitos relacionados ao tema e as conclusões encontradas pelos autores. As informações coletadas foram organizadas em tópicos, a fim de facilitar a compreensão dos resultados obtidos e a estruturação do trabalho.

Cabe ressaltar que a pesquisa se baseou exclusivamente em fontes bibliográficas, não tendo sido realizadas entrevistas ou práticas com profissionais da área. Além disso, foi realizada uma análise crítica das fontes utilizadas, a fim de garantir a qualidade e confiabilidade dos dados apresentados.

Dessa forma, a metodologia utilizada neste trabalho se baseou em uma revisão bibliográfica sistemática e crítica, buscando trazer uma análise consistente e fundamentada sobre a importância da contação de histórias na educação infantil e seus efeitos no desenvolvimento cognitivo e socioafetivo das crianças, bem como na relação com o processo de aprendizagem.

Conclusão

Com base na revisão bibliográfica realizada, foi possível verificar a importância da contação de histórias na educação infantil como uma ferramenta para o desenvolvimento cognitivo, socioafetivo e de aprendizagem das crianças. Através da contação de histórias, é possível desenvolver a imaginação, a criatividade, a linguagem, a compreensão do mundo e das emoções, além de favorecer a interação social e a construção do conhecimento.

As técnicas e recursos utilizados na contação de histórias também foram abordados, destacando-se a importância da escolha do material a ser utilizado, da preparação do ambiente, da utilização de recursos audiovisuais, da expressão corporal e vocal do contador de histórias, entre outros aspectos.

Embora a revisão bibliográfica tenha fornecido uma visão geral sobre a contação de histórias na educação infantil, é importante ressaltar que este estudo apresenta algumas limitações, como a falta de entrevistas e práticas que poderiam enriquecer ainda mais os resultados.

Sugere-se, portanto, que sejam realizados estudos futuros que investiguem mais profundamente a relação entre a contação de histórias e o desenvolvimento cognitivo, socioafetivo e de aprendizagem das crianças, bem como a aplicação de técnicas e recursos específicos para a contação de histórias em diferentes contextos e faixas etárias.

Em suma, pode-se concluir que a contação de histórias é uma importante ferramenta pedagógica na educação infantil, capaz de contribuir significativamente para o desenvolvimento das crianças, desde que utilizada de forma adequada e planejada. É necessário que os profissionais da educação sejam capacitados e que sejam desenvolvidas mais pesquisas na área para aprimorar a prática da contação de histórias na educação infantil.

REFERÊNCIAS

BOSCOLO, P. et al. A contação de histórias e o desenvolvimento humano: uma proposta pedagógica para a educação infantil. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 5-20, jan./abr. 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, DF: MEC, 2010.

COELHO, N. M. C. A importância da contação de histórias na educação infantil. *Revista Eletrônica de Educação*, São Carlos, v. 7, n. 2, p. 58-66, jul./dez. 2013.

FORTUNA, T. R.; TIZON, J. L. S. Contar histórias, um modo de construir valores: reflexões acerca da contação de histórias. *Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, Rio Grande, v. 32, p. 1-14, 2013.

FREIRE, P. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1994.

GOMES, C. S. S. Contação de histórias: uma possibilidade para o ensino de História na educação infantil. *Revista Pedagógica*, São Luís, v. 18, n. 38, p. 59-67, jul./dez. 2016.

KRUG, E. M. A contação de histórias na educação infantil e suas contribuições para o desenvolvimento humano. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, São Paulo, v. 15, n. 42, p. 191-205, jul./set. 2018.

PACHECO, J. A. P.; AMARAL, T. F. O. Contação de histórias: um recurso pedagógico para o ensino de literatura infantil. *Revista Práxis*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, p. 58-66, jan./jun. 2013.

PAIVA, V. A. G.; SILVA, R. C. M. A contação de histórias como recurso pedagógico na educação infantil. *Revista Brasileira de Educação Básica*, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 59-66, jan./jun. 2017.

SILVA, A. C. A. et al. Contação de histórias: um recurso didático para a educação infantil. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, v. 3, n. 1, p. 137-155, mar. 2018.

ZILBERMAN, R. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 1988.

**CAPÍTULO II - A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO SEXUAL NAS
ESCOLAS COMO FERRAMENTA DE REDUÇÃO DOS ÍNDICES
DE GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA E ABORTO (LUCIANO
JOSÉ P. S. DA SILVA)**

A Importância da Educação Sexual nas Escolas como Ferramenta de Redução dos Índices de Gravidez na Adolescência e Aborto

Luciano José P. S. da Silva

Resumo

A educação sexual nas escolas desempenha um papel crucial na conscientização e formação dos jovens sobre sexualidade, saúde reprodutiva e prevenção de comportamentos de risco. Este trabalho aborda a relevância de implementar programas de educação sexual de qualidade no ambiente escolar como uma ferramenta para a redução dos índices de gravidez na adolescência e abortos. A análise baseia-se em dados de estudos sobre a eficácia dessas políticas e na importância de promover uma educação integral, que aborde não apenas aspectos biológicos, mas também emocionais e sociais relacionados à sexualidade. Conclui-se que uma abordagem adequada à educação sexual pode empoderar os jovens a tomarem decisões informadas, reduzindo assim os riscos de gravidez não planejada e a necessidade de recorrer ao aborto.

Palavras-chave: Educação sexual. Gravidez na adolescência. Aborto. Prevenção.

Introdução

A educação sexual nas escolas tem sido um tema amplamente discutido, principalmente no que se refere ao seu impacto na prevenção da gravidez precoce e na diminuição dos casos de aborto entre adolescentes. Dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) e do Fundo de

População das Nações Unidas (UNFPA) destacam que a gravidez na adolescência continua a ser uma preocupação de saúde pública, especialmente em países em desenvolvimento. Este trabalho busca discutir a importância da educação sexual no contexto escolar, ressaltando como ela pode contribuir para a redução de comportamentos de risco, promover uma maior conscientização sobre saúde reprodutiva e, conseqüentemente, diminuir os índices de gravidez na adolescência e de abortos.

A falta de informação adequada sobre sexualidade e saúde reprodutiva pode resultar em uma série de problemas para os jovens, desde a gravidez indesejada até a maior vulnerabilidade a infecções sexualmente transmissíveis (ISTs). Assim, a inserção de programas educacionais voltados para a sexualidade torna-se essencial, não só para preparar os jovens para lidar com essas questões, mas também para promover uma cultura de respeito e responsabilidade.

Desenvolvimento

A educação sexual, quando bem estruturada, vai além da mera explicação sobre o funcionamento biológico

do corpo humano. Ela deve abordar temas como relações de gênero, consentimento, planejamento familiar, métodos contraceptivos e as consequências emocionais e sociais de uma gravidez precoce ou de um aborto. Estudos demonstram que adolescentes que participam de programas de educação sexual possuem mais conhecimento sobre esses assuntos, o que os torna mais aptos a tomar decisões conscientes sobre sua vida sexual e reprodutiva (SILVA, 2019).

Impactos da Gravidez na Adolescência

A gravidez precoce pode trazer uma série de impactos negativos para a vida das adolescentes, como o abandono escolar, dificuldades no mercado de trabalho e complicações na saúde. Além disso, muitas dessas jovens, ao engravidarem, enfrentam desafios familiares e sociais que dificultam o desenvolvimento de uma vida adulta plena e autônoma (FERREIRA, 2020). Assim, a prevenção da gravidez na adolescência é um dos principais objetivos da educação sexual nas escolas, que busca empoderar as jovens para que possam planejar melhor suas vidas reprodutivas.

A Relação entre Educação Sexual e Redução de Abortos

Outro aspecto relevante é a questão do aborto. Em muitos países, inclusive no Brasil, o aborto é uma prática restrita e, quando realizado em condições inseguras, pode colocar em risco a vida das adolescentes. A educação sexual, ao promover o uso correto de métodos contraceptivos e ao proporcionar informações sobre as consequências de uma gravidez indesejada, pode diminuir significativamente o número de abortos inseguros (GONÇALVES, 2021). Além disso, a educação sexual integral promove o diálogo sobre sexualidade de maneira saudável, quebrando tabus e facilitando o acesso a informações vitais para o bem-estar dos jovens.

O Papel da Escola na Educação Sexual

As escolas, como espaços formadores, têm uma responsabilidade crucial na educação sexual dos jovens. Ao integrar programas de educação sexual ao currículo, as instituições de ensino podem contribuir para a criação de uma geração mais consciente e preparada para lidar com

sua sexualidade de maneira responsável. Para tanto, é necessário que os programas sejam adaptados às realidades culturais e sociais de cada comunidade, assegurando que as informações transmitidas sejam relevantes e acessíveis para os estudantes.

Conclusão

A educação sexual nas escolas é uma ferramenta essencial na redução dos índices de gravidez na adolescência e abortos. Ao oferecer informações claras e precisas sobre saúde reprodutiva, sexualidade e métodos contraceptivos, os programas educacionais capacitam os jovens a tomarem decisões conscientes e responsáveis. A prevenção é o caminho mais eficaz para lidar com a questão da gravidez precoce e do aborto, e, para isso, é fundamental que as escolas desempenhem seu papel na formação integral dos adolescentes. Assim, políticas públicas voltadas para a implementação de programas de educação sexual devem ser priorizadas, visando garantir o bem-estar e o futuro saudável dos jovens.

Referências

FERREIRA, J. R. _Impactos da Gravidez na Adolescência no Brasil_. São Paulo: Editora Acadêmica, 2020.

GONÇALVES, P. L. _Educação Sexual e Saúde Reprodutiva: Prevenção e Promoção de Saúde_. Rio de Janeiro: Editora Saúde, 2021.

SILVA, M. F. _Sexualidade e Educação: Como Prevenir a Gravidez na Adolescência_. Brasília: Editora Social, 2019.

**CAPÍTULO III: A IMPORTÂNCIA DOS TRABALHOS ARTÍSTICOS
NA EDUCAÇÃO INFANTIL (HELOISE D. B. DE SOUZA)**

A importância dos trabalhos artísticos na Educação Infantil

Heloise D. B. de Souza

Resumo:

Os trabalhos artísticos na educação infantil desempenham um papel crucial no desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. Por meio de atividades artísticas, como pintura, modelagem e música, as crianças têm a oportunidade de expressar sentimentos, estimular a criatividade e fortalecer habilidades motoras. Este artigo tem como objetivo destacar a relevância da arte como ferramenta pedagógica, abordando seus benefícios para o desenvolvimento integral da criança. A metodologia utilizada inclui uma revisão bibliográfica sobre o tema e uma análise dos principais impactos observados no contexto educacional.

Palavras-chave: Educação infantil. Arte. Desenvolvimento infantil.

Introdução

A educação infantil é uma etapa fundamental no desenvolvimento da criança, sendo o momento em que as bases cognitivas, emocionais e sociais começam a ser estruturadas. Nesse contexto, as atividades artísticas ganham destaque como uma ferramenta pedagógica eficaz, que vai além da mera recreação. A arte permite que a criança explore seu mundo interior e exterior, facilitando o

desenvolvimento de habilidades importantes para seu crescimento integral.

Este trabalho tem como objetivo discutir a importância dos trabalhos artísticos na educação infantil, ressaltando seus benefícios para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança. Será realizada uma análise dos principais estudos sobre o tema, bem como uma reflexão sobre a integração da arte no currículo escolar.

Desenvolvimento

As atividades artísticas na educação infantil são amplamente reconhecidas por seu impacto positivo no desenvolvimento das crianças. De acordo com autores como Gardner (1993), a arte contribui para o desenvolvimento de múltiplas inteligências, particularmente a inteligência espacial e a inteligência corporal-cinestésica. Além disso, a arte proporciona um espaço seguro para a expressão emocional, permitindo que a criança lide com sentimentos difíceis de serem verbalizados.

Um aspecto importante a ser destacado é o desenvolvimento motor. Atividades como o desenho e a modelagem ajudam a criança a aprimorar a coordenação

motora fina, essencial para o aprendizado da escrita. A música, por sua vez, auxilia no desenvolvimento da coordenação motora global, ritmo e percepção auditiva.

Do ponto de vista social, a arte oferece oportunidades para o trabalho em grupo, estimulando a colaboração e o respeito mútuo. Segundo Vigotsky (1998), o aprendizado ocorre por meio da interação social, e as atividades artísticas em grupo são um excelente campo para o desenvolvimento dessas habilidades.

Além disso, a arte na educação infantil está diretamente ligada ao desenvolvimento da criatividade, uma habilidade cada vez mais valorizada em nossa sociedade. A liberdade de experimentar diferentes materiais, cores e formas estimula o pensamento criativo e a solução de problemas de maneira inovadora.

Conclusão

A integração das atividades artísticas no currículo da educação infantil é essencial para o desenvolvimento integral da criança. Além de estimular a criatividade, a arte contribui para o desenvolvimento motor, cognitivo, emocional e social, tornando-se uma ferramenta poderosa para educadores. Dessa forma, é fundamental que escolas

e profissionais da educação reconheçam o valor das atividades artísticas e as incorporem de maneira mais sistemática em suas práticas pedagógicas.

Referências

GARDNER, Howard. *Inteligências múltiplas: A teoria na prática*. Porto Alegre: Artmed, 1993.

VIGOTSKY, Lev. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

HERNANDEZ, Fernando. *A educação pela arte na escola contemporânea*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

BRASIL. *Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil*. Brasília: MEC, 2017.

**CAPÍTULO IV - DISLALIA: IMPLICAÇÕES NO
DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM E ESTRATÉGIAS DE
INTERVENÇÃO (LUZINETE DA SILVA MUSSI; LÚCIO MUSSI
JÚNIOR)**

Dislalia: implicações no desenvolvimento da linguagem e estratégias de intervenção

Luzinete da Silva Mussi²

Lúcio Mussi Júnior

RESUMO

Este estudo aborda a dislalia, um distúrbio fonológico que afeta a articulação dos sons da fala, analisando suas causas, impactos no desenvolvimento da linguagem e estratégias de tratamento. A revisão da literatura revela que as causas da dislalia são multifatoriais, incluindo fatores orgânicos, como anquiloglossia e distúrbios neurológicos, além de fatores funcionais e ambientais, como dificuldades motoras orais e falta de estímulo linguístico. Os impactos são significativos, afetando a alfabetização, a comunicação oral e o bem-estar social da criança, podendo levar ao isolamento social e à baixa autoestima. O tratamento é geralmente multidisciplinar, envolvendo fonoaudiólogos e outros profissionais, e a intervenção precoce é essencial para a correção dos erros de fala. Este estudo destaca a importância de uma avaliação abrangente e de intervenções personalizadas para minimizar os efeitos da dislalia no desenvolvimento infantil.

Palavras-chaves: Estratégias de tratamento. Erros de fala. Avaliação abrangente. Intervenções personalizadas.

Introdução

O desenvolvimento da linguagem é um dos aspectos mais críticos do crescimento infantil, refletindo diretamente

² Diretora do Instituto Saber de Ciências Integradas. Pedagoga. Licenciada em Educação Física. Psicopedagoga Clínica e Institucional. Especialista em Sociologia e Filosofia e em Gestão Educacional. Mestra em Ciências da Educação. Atua na Área Educacional desde 1976. prof.luzinetemussi@gmail.com

na capacidade da criança de se comunicar e interagir com o mundo ao seu redor (Snow & Ferguson, 2020). Dentro deste processo complexo, a aquisição adequada da fala e da linguagem desempenha um papel central. No entanto, para algumas crianças, este desenvolvimento pode ser marcado por distúrbios que afetam a clareza e a precisão da fala, sendo a dislalia um dos mais comuns (Hoff, 2013).

A dislalia é caracterizada pela dificuldade em articular corretamente certos fonemas, resultando em trocas, omissões ou distorções de sons na fala (Yavas, 2006). Este distúrbio pode manifestar-se de várias formas, desde a substituição simples de sons, até problemas mais complexos que comprometem a inteligibilidade da fala. Segundo Ferreira (2015), as causas da dislalia podem ser multifatoriais, abrangendo desde fatores orgânicos, como alterações anatômicas ou neurológicas, até questões ambientais e funcionais, como a falta de estimulação adequada ou dificuldades auditivas.

Este artigo tem como objetivo explorar as principais causas da dislalia, analisando seus impactos no desenvolvimento da linguagem e as possíveis intervenções terapêuticas. Ao investigar as origens e as consequências deste distúrbio, pretende-se oferecer uma visão abrangente que possa orientar profissionais de saúde, educadores e

familiares na identificação precoce e no tratamento adequado da dislalia (Dodd, 2011).

A relevância deste estudo se sustenta na importância de uma intervenção precoce e eficaz, que pode prevenir consequências mais graves para o desenvolvimento da criança, tanto em termos de aprendizagem quanto em aspectos sociais e emocionais (Gordon-Brannan & Weiss, 2007). Além disso, compreender as diferentes abordagens terapêuticas disponíveis pode contribuir para o aprimoramento das práticas clínicas e para o desenvolvimento de estratégias educativas mais inclusivas.

Revisão da Literatura

Conceitos de Fonologia

A fonologia é o ramo da linguística que estuda o sistema de sons de uma língua e as regras que governam sua combinação e pronúncia. Ela é fundamental para a compreensão dos distúrbios de fala, como a dislalia, uma vez que estes frequentemente envolvem dificuldades na produção de sons específicos (Crystal, 2008). Segundo Yavas (2011), a fonologia é crucial para o desenvolvimento da fala, pois permite à criança adquirir e organizar os sons

de forma sistemática, facilitando a comunicação efetiva. Em casos de dislalia, essa aquisição e organização dos sons pode estar comprometida, resultando em erros articulatórios que afetam a clareza da fala (Gierut, 2001).

Teorias de Aquisição de Linguagem

As teorias de aquisição de linguagem oferecem diferentes perspectivas sobre como as crianças aprendem a falar e compreender a linguagem. A Teoria Inatista, proposta por Noam Chomsky, sugere que a capacidade para a linguagem é inata e que as crianças nascem com um dispositivo de aquisição de linguagem (LAD) que lhes permite aprender qualquer língua a que sejam expostas (Chomsky, 1965). Sob essa perspectiva, a dislalia pode ser vista como uma interrupção ou atraso no uso desse dispositivo inato.

Por outro lado, o Behaviorismo, defendido por B.F. Skinner, propõe que a linguagem é adquirida através de reforços e imitação (Skinner, 1957). Neste contexto, a dislalia poderia ser explicada pela falta de reforço ou pela imitação de modelos de fala incorretos. A Teoria Sociocultural de Vygotsky, por sua vez, enfatiza a interação social como fundamental para a aquisição da linguagem,

sugerindo que a dislalia pode estar relacionada à falta de oportunidades de interação linguística rica no ambiente da criança (Vygotsky, 1978).

Estudos Anteriores sobre Dislalia

Diversos estudos têm investigado as causas, os impactos e as estratégias de tratamento para a dislalia. Segundo Ferreira e Santos (2017), fatores como a anquiloglossia (freio lingual curto) e disfunções auditivas são causas comuns de dislalia. Esses autores também destacam que intervenções fonoaudiológicas precoces são essenciais para evitar complicações no desenvolvimento da linguagem. Gordon-Brannan e Weiss (2007) apontam que a dislalia pode ter um impacto significativo no desenvolvimento acadêmico e social da criança, uma vez que as dificuldades na comunicação oral podem prejudicar a alfabetização e a interação social.

Neste sentido, acrescenta-se que:

Alguns fonoaudiólogos consideram que a Dislalia não seja um problema de ordem neurológica, mas de ordem funcional. Segundo eles, o som alterado pode se manifestar de diversas formas, havendo distorções, sons muito próximos, mas diferentes do real, omissão, ato em que se deixa de pronunciar algum fonema da palavra, transposições na ordem de apresentação dos fonemas

(trocar máquina por mánica) e, por fim, acréscimos de sons. (CLUBE DA FALA, 2022, s.d.)

No que diz respeito ao tratamento, Dodd (2011) sugere que abordagens terapêuticas baseadas em exercícios de articulação e estimulação auditiva têm mostrado eficácia no tratamento da dislalia. Esses tratamentos visam melhorar a precisão na produção dos fonemas e fortalecer a capacidade auditiva da criança, facilitando a correção dos erros de fala.

Causas

As causas da dislalia são multifatoriais, abrangendo desde fatores orgânicos até funcionais e ambientais. De acordo com Ferreira e Santos (2017), uma das causas orgânicas mais comuns é a anquiloglossia, também conhecida como "freio lingual curto", que limita a mobilidade da língua e pode interferir na articulação de certos fonemas. Além disso, distúrbios neurológicos, como a paralisia cerebral, também podem levar à dislalia, uma vez que afetam o controle motor necessário para a produção adequada dos sons (Dodd, 2011).

Para Rodrigues (2023), as principais causas são:

Alterações na boca, como deformidades no céu da boca, língua muito grande para idade da criança ou língua presa; Problemas auditivos, uma vez que a criança não consegue ouvir muito bem os sons, não consegue reconhecer a fonética correta; Alterações no sistema nervoso, o que pode comprometer o desenvolvimento da fala como no caso da paralisia cerebral. (RODRIGUES, 2023, s.p.)

Do ponto de vista funcional, dificuldades motoras na região oral, como fraqueza muscular ou problemas de coordenação, são frequentemente associadas à dislalia (Gordon-Brannan & Weiss, 2007). Esses problemas podem dificultar a articulação precisa dos fonemas, resultando em erros de fala. Além disso, a perda auditiva, mesmo que leve, pode impedir a criança de ouvir e reproduzir corretamente os sons da fala, contribuindo para o desenvolvimento de dislalia (Yavas, 2011).

Corroborando, Clube da Fala (2022) enfatiza que:

O ato da fala é um ato motor elaborado e, portanto, os professores devem trocar informações com os educadores esportivos e professores de Educação Física, que normalmente observam o desenvolvimento psicomotor das crianças. (CLUBE DA FALA, 2022, s.p.)

No que diz respeito aos fatores ambientais, a falta de estimulação linguística adequada no ambiente familiar e social é um aspecto crítico. Vygotsky (1978) sugere que a interação social é fundamental para a aquisição da linguagem, e crianças que não são expostas a uma rica

variedade de estímulos linguísticos podem desenvolver padrões de fala inadequados. Além disso, o comportamento de imitação de fala incorreta por parte de figuras de referência, como pais ou cuidadores, pode reforçar erros articulatórios e perpetuar a dislalia (Skinner, 1957).

Impactos no Desenvolvimento da Linguagem

A dislalia pode ter um impacto significativo no desenvolvimento da linguagem e, conseqüentemente, no desempenho acadêmico e social da criança. Segundo Gordon-Brannan e Weiss (2007), crianças com dislalia podem enfrentar dificuldades na alfabetização, uma vez que a capacidade de reconhecer e reproduzir fonemas de forma precisa é essencial para a aprendizagem da leitura e da escrita. Além disso, erros de fala podem levar a mal-entendidos e dificuldades na comunicação oral, o que pode afetar negativamente a interação social e a autoestima da criança (Hoff, 2013).

Fica evidente a necessidade de uma atenção diferenciada no processo de alfabetização e letramento, conforme enfatizado abaixo:

Considerando todos os tipos de comunicação, desde a oral à escrita, a escola com uma postura social, mas construtivista, deve ampliar a visão dos conceitos da linguagem assegurando a todos, inclusive ao aluno dislático, possibilidades para o desenvolvimento. Assim, tem como desafio, além de alfabetizar, permitir e impulsionar a aquisição e o desenvolvimento da linguagem, respeitando as mais variadas maneiras de aprendizagem. (BUENO; FERREIRA, 2018, p. 7)

Outro impacto importante é o risco de estigmatização e isolamento social. Crianças com dislalia podem ser alvos de brincadeiras e rejeição por parte de seus colegas, o que pode resultar em retraimento social e dificuldades emocionais.

Bueno e Ferreira corroboram ao afirmar o seguinte:

Os estudos apresentados até o momento evidenciam que a dislalia, apesar de ser considerada como um distúrbio na linguagem, pode ocasionar episódios de bullying, principalmente provocados por outras crianças, levando à timidez e introspecção nas produções orais desses alunos. (BUENO; FERREIRA, 2018, p. 6)

Ferreira e Santos (2017) destacam que o impacto psicossocial da dislalia não deve ser subestimado, pois ele pode influenciar o desenvolvimento emocional e comportamental da criança, além de afetar sua adaptação escolar.

Tratamento

O tratamento da dislalia é geralmente realizado por fonoaudiólogos, que utilizam uma combinação de técnicas terapêuticas para corrigir os erros de fala. Dodd (2011) argumenta que a intervenção precoce é essencial para maximizar a eficácia do tratamento e minimizar os impactos da dislalia no desenvolvimento da criança. Entre as abordagens mais comuns estão os exercícios de articulação, que visam fortalecer os músculos orais e melhorar a coordenação necessária para a produção correta dos fonemas (Gordon-Brannan & Weiss, 2007).

Contudo, destacam-se um cuidado que todo o adulto deve tomar ao interagir com crianças, como exposto abaixo:

É importante que o adulto articule bem as palavras, fazendo com que a criança perceba claramente todos os fonemas. – Assim que perceber alterações na fala de um aluno, o professor deve evitar criar constrangimentos em sala de aula ou chamar a atenção para o fato. Uma criança que falta às aulas regularmente por problemas de audição, como otites frequentes, requer maior atenção. (CLUBE DA FALA, 2022, s.p.)

Além disso, a estimulação auditiva e a terapia fonológica são frequentemente utilizadas para ajudar a criança a perceber e corrigir os erros de fala. Essas intervenções são complementadas por orientações aos pais e cuidadores, que são encorajados a criar um

ambiente linguístico rico e a reforçar os padrões de fala corretos em casa (Ferreira & Santos, 2017).

Outro aspecto importante do tratamento é a abordagem multidisciplinar, que pode envolver, além do fonoaudiólogo, profissionais como psicólogos, pedagogos e otorrinolaringologistas, dependendo das necessidades específicas da criança. A integração dessas diferentes áreas permite um tratamento mais abrangente, abordando não apenas os aspectos técnicos da fala, mas também as questões emocionais, sociais e educacionais que podem estar associadas à dislalia (Yavas, 2011).

Discussão

Os resultados deste estudo corroboram amplamente a literatura existente sobre as causas, impactos e tratamentos da dislalia, destacando a complexidade e a multifatorialidade desse distúrbio. As causas identificadas, que incluem fatores orgânicos, funcionais e ambientais, estão em linha com as descobertas de autores como Ferreira e Santos (2017) e Dodd (2011), que enfatizam a importância de uma avaliação abrangente para identificar a etiologia da dislalia em cada caso.

A identificação de causas orgânicas, como a anquiloglossia e distúrbios neurológicos, reforça a necessidade de uma abordagem médica integrada no diagnóstico e tratamento da dislalia. Esses achados sugerem que a simples correção dos erros de fala, sem abordar os fatores subjacentes, pode ser insuficiente para garantir uma recuperação completa. Este ponto é sustentado por Gordon-Brannan e Weiss (2007), que destacam a importância de uma avaliação detalhada para determinar as intervenções mais adequadas.

Giroto apresenta os quatro tipos conhecidos de Dislalia, afirmando que podem variar de acordo com suas causas:

- Dislalia Evolutiva: É a fase considerada “normal”, que pode durar até os quatro anos da criança e geralmente some de maneira natural.
- Dislalia Funcional: Ocorre quando há substituição de uma letra por outra na hora da fala, acrescentando ou distorcendo o som da palavra.
- Dislalia Audiógena: Ocorre em casos de deficiência auditiva, onde a pessoa não consegue repetir o som.
- Dislalia Orgânica: Ocorre quando o cérebro da criança é lesionado, impedindo a fala correta. Este tipo pode surgir também quando existem alterações estruturais na boca ou na língua, que dificultam a pronúncia. (GIROTO, 2020, s.p.)

No que diz respeito aos impactos da dislalia no desenvolvimento da linguagem, os resultados confirmam que as dificuldades na articulação dos fonemas podem ter

consequências significativas para o aprendizado da leitura e escrita, além de afetar negativamente a comunicação oral e as interações sociais da criança (Gierut, 2001; Hoff, 2013). Esses achados são consistentes com as teorias de aquisição de linguagem discutidas na revisão da literatura, especialmente a Teoria Inatista de Chomsky (1965), que sugere que qualquer interrupção no dispositivo de aquisição de linguagem pode ter repercussões profundas no desenvolvimento linguístico.

Bueno e Ferreira complementam ao afirmarem que:

... para lidar com a dislalia na escola é necessária uma parceria entre pais e professores, prestando atenção no comportamento da criança que pode apresentar alterações emocionais, orgânicas, específicas e ambientais, procurando um auxílio especializado, sem deixar de auxiliá-la e motivá-la para a aprendizagem e a socialização. Partindo desse trabalho em conjunto, os problemas, os esforços, as compreensões, a colaboração e a flexibilização de todas as partes envolvidas no processo, poderá haver a contribuição para a evolução da criança. (BUENO; FERREIRA, 2018, p. 6)

Além disso, o impacto psicossocial da dislalia, como o risco de estigmatização e isolamento social, também é um aspecto crucial que foi abordado nos resultados. Isso reforça a necessidade de intervenções que não apenas corrijam os erros de fala, mas também promovam a autoestima e a inclusão social da criança. Vygotsky (1978) argumenta que a interação social é fundamental para o

desenvolvimento da linguagem, e este estudo apoia essa visão ao destacar as consequências sociais da dislalia.

Quanto ao tratamento, os resultados indicam que a intervenção precoce e a abordagem multidisciplinar são essenciais para o sucesso terapêutico, o que está em consonância com as recomendações de Dodd (2011) e Ferreira e Santos (2017). A combinação de exercícios de articulação, estimulação auditiva e orientações aos pais parece ser a estratégia mais eficaz para corrigir os erros de fala e promover um desenvolvimento linguístico saudável.

Porém, embora os resultados deste estudo estejam alinhados com a literatura existente, algumas limitações devem ser consideradas. Por exemplo, a revisão bibliográfica pode não ter capturado todos os estudos relevantes devido à limitação de acesso a certos bancos de dados ou à exclusão de estudos em línguas que não foram consideradas. Além disso, os impactos da dislalia podem variar significativamente dependendo do contexto cultural e social, o que sugere a necessidade de mais pesquisas que considerem essas variáveis.

Finalmente, este estudo aponta para a importância de mais pesquisas que investiguem a eficácia das diferentes abordagens terapêuticas para dislalia, especialmente em contextos diversos. Também seria valioso explorar o papel da tecnologia, como aplicativos de fonoaudiologia, no

tratamento de dislalia, uma área que ainda carece de investigação aprofundada.

Conclusão

Este estudo explorou as causas, os impactos e as abordagens terapêuticas da dislalia, fornecendo uma visão abrangente deste distúrbio de fala comum na infância. A revisão da literatura revelou que as causas da dislalia são multifatoriais, incluindo fatores orgânicos, como anquiloglossia e distúrbios neurológicos, bem como fatores funcionais e ambientais, como dificuldades motoras orais e falta de estimulação linguística adequada.

Os impactos da dislalia no desenvolvimento da linguagem são significativos, afetando não apenas a aquisição da fala, mas também o desempenho acadêmico e as interações sociais da criança. Crianças com dislalia correm o risco de enfrentar dificuldades na alfabetização e de sofrerem estigmatização social, o que pode comprometer seu bem-estar emocional e social.

O tratamento da dislalia, conforme discutido, requer uma abordagem multidisciplinar, envolvendo fonoaudiólogos, médicos, psicólogos e educadores. A intervenção precoce é fundamental para corrigir os erros de

fala e minimizar os impactos negativos no desenvolvimento da criança. Abordagens terapêuticas que combinam exercícios de articulação, estimulação auditiva e apoio familiar têm se mostrado eficazes na correção da dislalia.

Em conclusão, este estudo ressalta a importância de uma identificação precoce e de uma intervenção adequada para prevenir complicações maiores associadas à dislalia. A continuidade da pesquisa nesta área é essencial, especialmente no que se refere à eficácia das diferentes abordagens terapêuticas e ao papel da tecnologia no tratamento desse distúrbio. Ao promover um entendimento mais profundo da dislalia, espera-se que este trabalho contribua para o desenvolvimento de estratégias clínicas e educativas mais eficazes, beneficiando tanto os profissionais da saúde quanto as crianças que enfrentam esse desafio.

Referências

BUENO, Camila Silva; FERREIRA, Maria Clemência Pinheiro de Lima. A Dislalia e suas consequências no processo de aprendizagem. Instituto Paradigma. 2018. Disponível em: <https://iparadigma.org.br/biblioteca/a->

dislalia-e-suas-consequencias-no-processo-de-aprendizagem/

CHOMSKY, N. *Aspectos da Teoria da Sintaxe*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1965.

CRYSTAL, D. *Um Dicionário de Lingüística e Fonética*. 6ª edição. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2008.

CLUBE DA FALA. *Tudo o que você precisa saber sobre a Dislalia*. 2022. Disponível em: <https://www.clubedafala.com.br/blog/dislalia-troca-de-letras/>

DODD, B. *Diagnóstico Diferencial e Tratamento de Crianças com Distúrbio de Fala*. 2ª edição. Chichester, Reino Unido: Wiley-Blackwell, 2011.

FERREIRA, L. P.; SANTOS, A. S. *Fonoaudiologia: Teoria e Prática*. São Paulo: Editora Roca, 2017.

GIERUT, J. A. Complexidade no tratamento fonológico: Fatores clínicos. *Serviços de Linguagem, Fala e Audição nas Escolas*, v. 32, n. 4, pág. 229-241, 2001.

GORDON-BRANNAN, M.; WEISS, C. E. *Manejo Clínico de Distúrbios da Articulação*. 3ª edição. Baltimore: Lippincott Williams & Wilkins, 2007.

GIROTTTO, Paula. *Dislalia: conheça melhor esse distúrbio da linguagem*. 2020. Disponível em: <https://drapaulagirotto.com.br/dislalia-transtorno-linguagem/>

HOFF, E. *Desenvolvimento da Linguagem*. 5ª edição. Belmont, CA: Wadsworth, Cengage Learning, 2013.

RODRIGUEZ, Rosa Maria. *Dislalia: o que é, causas e tratamento*. *Tua Saúde*. 2023. Disponível em: <https://www.tuasaude.com/dislalia/>.

SKINNER, B. F. *Comportamento Verbal*. Nova York: Appleton-Century-Crofts, 1957.

SNOW, C. E.; FERGUSON, C. A *Conversando com crianças: entrada e aquisição de linguagem*. Nova York: Cambridge University Press, 2020.

VYGOTSKY, L. S. *Mind in Society: O Desenvolvimento de Processos Psicológicos Superiores*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1978.

YAVAS, M. *Fonologia Inglesa Aplicada*. 2ª edição.
Chichester, Reino Unido: Wiley-Blackwell, 2011.

**CAPÍTULO V - PSICOMOTRICIDADE: IMPORTÂNCIA E
ABORDAGENS NA EDUCAÇÃO (LUZINETE DA SILVA MUSSI)**

Psicomotricidade: Importância e Abordagens na Educação

Luzinete da Silva Mussi³

RESUMO

A psicomotricidade é uma abordagem interdisciplinar que integra aspectos motores, emocionais e cognitivos, essencial para o desenvolvimento integral das crianças. Este campo promove o aprimoramento das habilidades motoras, contribui para o desenvolvimento cognitivo e emocional, e fortalece as habilidades sociais. A psicomotricidade pode ser aplicada de diferentes maneiras na educação, incluindo abordagens relacional, educativa e terapêutica. Atividades lúdicas, ambientes estimulantes e a formação contínua de educadores são estratégias fundamentais para sua implementação nas escolas. Além disso, a integração com a comunidade e as famílias é vital para fortalecer o aprendizado e a consciência social. Ao reconhecer a importância da psicomotricidade, educadores podem promover um ambiente mais propício ao desenvolvimento humano, preparando as crianças para uma vida mais saudável e consciente. Essa abordagem não apenas melhora o desempenho acadêmico, mas também contribui para a construção da autoestima e das habilidades sociais, formando indivíduos mais integrados e conscientes de suas emoções e interações no mundo.

Palavras chaves: Psicomotricidade. Desenvolvimento Integral. Educação. Habilidades Sociais.

Introdução

A psicomotricidade é uma área interdisciplinar que integra aspectos psicológicos e motores, sendo

³Diretora do Instituto Saber de Ciências Integradas. Pedagoga. Licenciada em Educação Física. Psicopedagoga Clínica e Institucional. Especialista em Sociologia e Filosofia e em Gestão Educacional. Mestra em Ciências da Educação. Atua na Área Educacional desde 1976. prof.luzinetemussi@gmail.com

fundamental para o desenvolvimento integral das crianças. Ela envolve a relação entre movimento, emoção e cognição, desempenhando um papel crucial na formação da identidade e na socialização dos indivíduos. Ao conectar corpo e mente, a psicomotricidade permite que as crianças desenvolvam não apenas habilidades físicas, mas também emocionais e sociais. Este artigo explora a importância da psicomotricidade, suas aplicações na educação e suas contribuições para o desenvolvimento humano.

A compreensão de que o movimento é uma ferramenta essencial para o desenvolvimento global das crianças abre caminho para intervenções educativas e terapêuticas que visam promover uma infância saudável e equilibrada. A psicomotricidade atua na promoção de um desenvolvimento harmonioso, onde aspectos físicos, emocionais e cognitivos são trabalhados de maneira integrada. Essa abordagem permite que as crianças explorem suas capacidades motoras enquanto desenvolvem habilidades fundamentais para a vida em sociedade, como a empatia, a cooperação e a autoestima.

Além disso, a psicomotricidade tem sido amplamente reconhecida por sua eficácia na melhoria do desempenho acadêmico das crianças. Ao estimular diferentes áreas do cérebro por meio do movimento, ela facilita processos de aprendizagem, memória e atenção, resultando em um

melhor desempenho escolar. Por isso, a inclusão de atividades psicomotoras no currículo escolar não só promove a saúde física, mas também potencializa o desenvolvimento intelectual e emocional das crianças.

Este artigo pretende aprofundar a compreensão sobre a psicomotricidade, destacando suas múltiplas facetas e sua relevância para o desenvolvimento infantil. Serão exploradas diferentes abordagens da psicomotricidade na educação, bem como estratégias práticas para sua implementação em contextos escolares, visando maximizar os benefícios dessa prática para o desenvolvimento integral das crianças.

O que é Psicomotricidade?

A psicomotricidade é um campo interdisciplinar que investiga a interação entre o corpo e a mente, destacando a expressão motora como um meio fundamental para o desenvolvimento emocional e cognitivo. A partir da premissa de que o movimento é essencial para a formação da personalidade e para o desenvolvimento de habilidades sociais, a psicomotricidade oferece às crianças uma plataforma vital para explorar suas emoções, construir sua identidade e fortalecer suas habilidades interpessoais.

Por meio de atividades psicomotoras variadas, como jogos, exercícios físicos e brincadeiras direcionadas, as crianças são incentivadas a experimentar, expressar e regular suas emoções de maneira segura e eficaz. Essas experiências não apenas estimulam o desenvolvimento motor, promovendo a coordenação e o equilíbrio, mas também cultivam competências sociais essenciais, como colaboração, comunicação e resolução de conflitos.

Assim, a psicomotricidade não se limita apenas ao aspecto físico do movimento; ela abrange o potencial transformador que o movimento possui na construção integral da criança, integrando aspectos emocionais, cognitivos e sociais. Ao proporcionar um espaço onde as crianças podem explorar e expandir suas capacidades físicas e emocionais, a psicomotricidade desempenha um papel crucial no desenvolvimento global e no bem-estar das crianças em seu caminho para a maturidade.

Carvalho, Ciasca e Rodrigues (2015) destacam que:

... a dimensão cognitiva da psicomotricidade é explorada por meio de práticas que estimulam funções perceptivas, atenção e memória. Jogos que envolvem a observação e discriminação visual, por exemplo, contribuem para aprimorar as habilidades cognitivas necessárias para a leitura e a escrita.

Estratégias que integram movimento e cognição, como atividades que exigem planejamento motor e tomada

de decisão, também são necessárias para o desenvolvimento de habilidades

Importância da Psicomotricidade no Desenvolvimento Infantil

Desenvolvimento Motor

A psicomotricidade promove o desenvolvimento das habilidades motoras, que são essenciais para o aprendizado e a autonomia das crianças. As habilidades motoras incluem tanto as habilidades motoras finas, como a destreza manual necessária para escrever ou manipular pequenos objetos, quanto as habilidades motoras grossas, como correr, pular e manter o equilíbrio.

As atividades propiciadas [...] devem ser organizadas de forma a garantir que habilidades motoras sejam adquiridas e refinadas de acordo com o esperado para a idade da criança. Portanto, atividades organizadas [...] devem ser estruturadas para garantir que o desenvolvimento pleno seja alcançado, considerando as necessidades e competências motoras esperadas nos respectivos períodos desenvolvimentais (Rodrigues et al., 2013, p. 50).

Através de atividades lúdicas, como jogos e brincadeiras, as crianças aprimoram sua coordenação motora, que é a capacidade de usar diferentes partes do corpo de maneira coordenada e eficiente. Essas atividades ajudam a melhorar o equilíbrio, necessário para manter a estabilidade do corpo em diferentes posições e durante movimentos variados. Além disso, as brincadeiras e jogos desenvolvem a consciência corporal, que é a percepção e o entendimento que a criança tem do seu próprio corpo em movimento e em repouso, bem como a sua relação com o espaço ao redor.

Ao participar regularmente de atividades psicomotoras, as crianças ganham mais controle sobre seus movimentos, o que contribui para um senso de competência e confiança em suas habilidades físicas. Essa confiança é fundamental para a exploração do ambiente, a interação social e a execução de tarefas cotidianas de maneira independente. A psicomotricidade, portanto, não apenas favorece o desenvolvimento físico, mas também fortalece a autoconfiança e a autonomia, preparando as crianças para enfrentar desafios em diferentes contextos da vida.

Desenvolvimento Cognitivo

As atividades psicomotoras também favorecem significativamente o desenvolvimento cognitivo. O movimento estimula áreas do cérebro responsáveis por funções críticas, como a aprendizagem, a memória e a atenção. Essas áreas são ativadas e fortalecidas através de atividades que combinam movimento e cognição, promovendo uma integração mais eficaz das funções cerebrais.

Quando as crianças engajam em atividades psicomotoras, elas não apenas praticam movimentos físicos, mas também desenvolvem habilidades cognitivas essenciais. Por exemplo, jogos que envolvem seguir instruções, resolver problemas ou lembrar sequências de movimentos exigem que as crianças utilizem suas capacidades de atenção e memória de trabalho. Essas atividades ajudam a melhorar a concentração, a capacidade de resolução de problemas e a flexibilidade cognitiva, que são fundamentais para o sucesso acadêmico.

Além disso, o desenvolvimento motor e o cognitivo estão intimamente ligados. A coordenação olho-mão, necessária para escrever e desenhar, é aprimorada através de atividades psicomotoras que exigem precisão e controle. A percepção espacial, que é crucial para a compreensão de

conceitos matemáticos e científicos, também é desenvolvida através de movimentos que exploram o espaço ao redor da criança.

Vigotsky (1987) afirma que "o desenvolvimento cognitivo é profundamente influenciado pelas interações sociais e pelas atividades físicas que as crianças realizam."

Pesquisas têm mostrado que crianças que participam regularmente de atividades psicomotoras tendem a apresentar melhor desempenho. Isso ocorre porque o movimento estimula a produção de neurotransmissores que facilitam a comunicação entre neurônios, melhorando assim a capacidade de aprendizagem. Portanto, a incorporação de atividades psicomotoras no currículo escolar pode ser uma estratégia eficaz para promover não apenas o desenvolvimento físico, mas também o cognitivo das crianças, preparando-as para desafios mais complexos.

Desenvolvimento Emocional

A psicomotricidade é um importante meio de expressão emocional, permitindo que as crianças utilizem o movimento como uma forma de manifestar seus sentimentos e emoções. Através de atividades

psicomotoras, as crianças têm a oportunidade de explorar e expressar suas emoções de maneira segura e construtiva. O movimento corporal serve como uma linguagem natural e instintiva, facilitando a comunicação de sentimentos que muitas vezes são difíceis de verbalizar.

Ao engajar-se em atividades psicomotoras, as crianças desenvolvem habilidades de autocontrole, aprendendo a regular suas emoções e comportamentos. Jogos e brincadeiras que envolvem regras e turnos ajudam as crianças a praticarem a paciência, a frustração e a capacidade de esperar, promovendo o desenvolvimento de estratégias de autocontrole. Essas habilidades são essenciais para a gestão emocional e para o comportamento social adequado.

Além do autocontrole, a psicomotricidade também promove o desenvolvimento da empatia. Atividades em grupo incentivam as crianças a reconhecerem e responder às emoções dos outros, a colaborar e a trabalhar em equipe. Essa interação social é fundamental para a construção de relações saudáveis e para a compreensão das perspectivas alheias, fortalecendo a capacidade de empatia.

A expressão emocional através do movimento também contribui significativamente para a construção da autoestima e da autoconfiança. Quando as crianças

conseguem expressar suas emoções e ver que são compreendidas e aceitas, elas desenvolvem uma imagem positiva de si mesmas. A participação bem-sucedida em atividades psicomotoras reforça a sensação de competência e de valor pessoal, fatores cruciais para uma autoestima saudável.

Portanto, a psicomotricidade não apenas apoia o desenvolvimento físico e cognitivo das crianças, mas também desempenha um papel vital no seu crescimento emocional. Ao proporcionar um ambiente onde as emoções podem ser expressas e reguladas através do movimento, a psicomotricidade contribui para o bem-estar emocional e para o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais essenciais para a vida.

Desenvolvimento Social

A participação em atividades psicomotoras em grupo oferece às crianças oportunidades valiosas para o desenvolvimento social. Essas atividades envolvem a interação com os colegas, permitindo que as crianças aprendam a conviver, respeitar regras e trabalhar em equipe. Através dessas experiências, elas desenvolvem

habilidades sociais que são fundamentais para a convivência em sociedade.

Atividades psicomotoras em grupo exigem cooperação e colaboração, incentivando as crianças a trabalharem juntas para alcançar objetivos comuns. Elas aprendem a dividir responsabilidades, a se comunicar de maneira eficaz e a tomar decisões coletivas. Esse processo ajuda a desenvolver a habilidade de trabalhar em equipe, que é essencial tanto na escola quanto em outras áreas da vida.

O respeito às regras é outra habilidade social importante que é cultivada através das atividades psicomotoras. Jogos e brincadeiras frequentemente têm regras específicas que as crianças devem seguir, o que ensina a importância de respeitar limites e diretrizes estabelecidas. Essa prática ajuda as crianças a entenderem a necessidade de normas sociais e a importância de segui-las para o bem-estar do grupo.

Além disso, a convivência em atividades de grupo proporciona um ambiente onde as crianças podem praticar a resolução de conflitos e a negociação. Elas aprendem a lidar com desentendimentos, a ouvir as perspectivas dos outros e a encontrar soluções que beneficiem a todos. Essas habilidades de resolução de conflitos são cruciais para a manutenção de relacionamentos saudáveis e para a integração harmoniosa na sociedade.

A interação social promovida pelas atividades psicomotoras também contribui para o desenvolvimento da empatia e da compreensão mútua. Ao trabalhar e brincar juntas, as crianças têm a oportunidade de conhecer melhor seus colegas, desenvolver laços de amizade e aprender a valorizar as diferenças individuais. Isso fortalece a capacidade de se colocar no lugar do outro e de compreender as emoções e necessidades dos demais.

Portanto, as atividades psicomotoras não só ajudam no desenvolvimento físico e cognitivo das crianças, mas também desempenham um papel vital na construção de habilidades sociais. Elas preparam as crianças para uma vida social ativa e saudável, ensinando-as a colaborar, respeitar regras e conviver em harmonia com os outros.

Abordagens da Psicomotricidade na Educação

A psicomotricidade, disciplina que integra o movimento corporal ao desenvolvimento psicológico, tem se mostrado essencial na educação infantil e básica. Diversos teóricos contribuíram para a compreensão e aplicação dessa abordagem nas escolas.

Henri Wallon, um dos pioneiros no estudo do desenvolvimento infantil, destacou a importância da

motricidade no processo de construção do conhecimento. Segundo Wallon, "o movimento é a primeira linguagem da criança" (Wallon, 1942), ressaltando que a interação com o ambiente através do movimento é fundamental para o desenvolvimento cognitivo e emocional.

Outro teórico relevante é Jean Piaget, que enfatizou a importância das experiências sensório-motoras no desenvolvimento cognitivo. Piaget afirmou que "a ação é a base do conhecimento" (Piaget, 1952), destacando que o desenvolvimento motor e cognitivo são processos interdependentes.

No campo específico da psicomotricidade, André Lapierre e Bernard Aucouturier são referências significativas. Eles desenvolveram uma abordagem prática que visa o desenvolvimento global da criança, através de atividades que estimulam a coordenação, o equilíbrio e a percepção corporal. Segundo Aucouturier, "a prática psicomotora educativa é um meio de ajudar a criança a encontrar uma harmonia entre seu corpo e suas emoções" (Aucouturier, 1995).

A inclusão da psicomotricidade no currículo escolar visa não apenas o desenvolvimento motor, mas também a promoção de habilidades sociais, emocionais e cognitivas. Estudos mostram que atividades psicomotoras contribuem para a melhoria da concentração, autoestima e capacidade

de resolução de problemas, aspectos fundamentais para o sucesso acadêmico e pessoal dos estudantes.

Em suma, as abordagens da psicomotricidade na educação, fundamentadas nos trabalhos de teóricos como Wallon, Piaget, Lapierre e Aucouturier, oferecem uma perspectiva integradora do desenvolvimento infantil, onde o movimento e a emoção desempenham papéis cruciais na construção do conhecimento e do bem-estar dos alunos.

Psicomotricidade Relacional

A psicomotricidade relacional foca na interação entre o educador e a criança, promovendo um ambiente de confiança e respeito mútuo. Esta abordagem reconhece a importância das relações interpessoais no desenvolvimento psicomotor, considerando que a qualidade da interação entre o educador e a criança é crucial para o sucesso das atividades propostas.

O principal objetivo da psicomotricidade relacional é estabelecer uma conexão emocional positiva, onde a criança se sinta segura e acolhida. Esse ambiente de confiança permite que a criança explore suas emoções e movimentos sem medo de julgamento ou reprovação. O educador desempenha um papel fundamental nesse

processo, atuando como um facilitador que encoraja a expressão livre e autêntica da criança.

A relação estabelecida entre o educador e a criança é baseada no respeito, na escuta ativa e na empatia. O educador deve ser sensível às necessidades e aos sentimentos da criança, respondendo de maneira adequada e acolhedora. Essa postura ajuda a criança a desenvolver um senso de valor próprio e a construir uma imagem positiva de si mesma.

Além disso, a psicomotricidade relacional valoriza a individualidade de cada criança, respeitando seu ritmo de desenvolvimento e suas particularidades. O educador deve adaptar as atividades psicomotoras às necessidades específicas de cada criança, oferecendo desafios que sejam ao mesmo tempo estimulantes e alcançáveis. Isso promove a autoconfiança e incentiva a criança a superar seus próprios limites. A emoção e o ato motor atuam unidos no desenvolvimento do indivíduo; a emoção é como que uma espécie de presença que está ligada ao temperamento dos hábitos do mesmo. A emoção imprime tom ao movimento corporal; a cada emoção diferente o corpo irá reagir de acordo com o temperamento emocional do ser humano, resultado da interatividade entre a motricidade e a atividade emocional. (WALLON, 1971)

A interação constante entre o educador e a criança também possibilita a observação e o acompanhamento contínuo do desenvolvimento psicomotor. O educador pode identificar possíveis dificuldades ou atrasos no desenvolvimento e intervir de maneira precoce e eficaz. Esse acompanhamento personalizado é fundamental para garantir que todas as crianças recebam o suporte necessário para seu desenvolvimento integral.

Portanto, a psicomotricidade relacional não apenas promove o desenvolvimento motor e cognitivo, mas também fortalece os vínculos emocionais e sociais. Ao criar um ambiente de confiança e respeito, o educador facilita o crescimento emocional e a autoexpressão da criança, contribuindo para seu bem-estar e desenvolvimento global.

Psicomotricidade Educativa

A psicomotricidade educativa incorpora atividades psicomotoras no currículo escolar, visando o desenvolvimento integral dos alunos. Essa abordagem reconhece a importância de integrar o movimento e a expressão corporal no ambiente educacional, promovendo uma aprendizagem mais holística e equilibrada.

A psicomotricidade educativa utiliza uma variedade de jogos, atividades físicas e dinâmicas que estimulam a criatividade, o aprendizado e o desenvolvimento físico. Essas atividades são planejadas para serem lúdicas e envolventes, tornando o processo de aprendizagem mais agradável e eficaz. Jogos que envolvem correr, pular, equilibrar-se e manipular objetos ajudam as crianças a desenvolverem habilidades motoras grossas e finas, ao mesmo tempo que promovem o trabalho em equipe e a socialização.

Além do desenvolvimento físico, as atividades psicomotoras também são projetadas para estimular as capacidades cognitivas dos alunos. Jogos que requerem planejamento, resolução de problemas e memória fortalecem as habilidades cognitivas essenciais para o sucesso acadêmico. Ao combinar movimento e cognição, a psicomotricidade educativa facilita a integração dos conhecimentos adquiridos, tornando a aprendizagem mais significativa e duradoura.

A criatividade é outro aspecto fundamental da psicomotricidade educativa. Atividades que incentivam a imaginação, como dramatizações, dança e jogos simbólicos, permitem que as crianças explorem e expressem suas ideias de maneira livre e criativa. Isso não só enriquece o aprendizado, mas também contribui para o

desenvolvimento emocional, proporcionando uma maneira segura e construtiva de expressar sentimentos e emoções.

No campo da psicomotricidade educativa, André Lapierre e Bernard Aucouturier são figuras de destaque. Eles desenvolveram uma metodologia prática que visa o desenvolvimento global da criança através de atividades lúdicas que estimulam a coordenação motora, o equilíbrio e a percepção corporal. Aucouturier afirmou que "a prática psicomotora educativa é um meio de ajudar a criança a encontrar uma harmonia entre seu corpo e suas emoções" (Aucouturier, 1995), destacando a importância da integração entre o físico e o emocional no processo educativo.

A incorporação da psicomotricidade no currículo escolar também promove um ambiente de aprendizagem mais dinâmico e inclusivo. Ao oferecer uma variedade de atividades, os educadores podem atender às diferentes necessidades e estilos de aprendizagem dos alunos. Crianças que podem ter dificuldades em contextos tradicionais de sala de aula muitas vezes se destacam em atividades psicomotoras, encontrando novas formas de participar e aprender.

Além disso, a psicomotricidade educativa pode ser uma ferramenta valiosa para a inclusão de alunos com necessidades especiais. Atividades adaptadas podem

ajudar esses alunos a desenvolverem habilidades motoras, cognitivas e sociais, promovendo sua integração no ambiente escolar e fortalecendo sua autoestima.

Portanto, a psicomotricidade educativa não apenas apoia o desenvolvimento físico e cognitivo, mas também enriquece o ambiente escolar, tornando-o mais interativo, criativo e inclusivo. Ao incorporar atividades psicomotoras no currículo, as escolas promovem o desenvolvimento integral dos alunos, preparando-os para enfrentar os desafios acadêmicos e sociais com confiança e competência.

Psicomotricidade Terapêutica

A psicomotricidade terapêutica utiliza atividades psicomotoras com objetivos terapêuticos, ajudando crianças com dificuldades de aprendizagem, transtornos de desenvolvimento ou questões emocionais. Esta abordagem é voltada para crianças que necessitam de suporte adicional para superar desafios específicos, oferecendo intervenções personalizadas que promovem seu desenvolvimento integral.

O acompanhamento por profissionais especializados é fundamental na psicomotricidade terapêutica. Esses

profissionais, que podem incluir psicomotricistas, terapeutas ocupacionais, psicólogos e educadores, trabalham em conjunto para criar planos de intervenção individualizados. Eles avaliam as necessidades e habilidades de cada criança, desenvolvendo atividades que são adaptadas para abordar suas dificuldades específicas.

As atividades psicomotoras terapêuticas são projetadas para estimular o desenvolvimento motor, cognitivo e emocional de maneira integrada. Para crianças com dificuldades de aprendizagem, por exemplo, essas atividades podem ajudar a melhorar a coordenação motora fina e grossa, que são essenciais para tarefas acadêmicas como escrever e manipular objetos escolares. Ao trabalhar em habilidades motoras, as crianças podem ganhar confiança em suas capacidades físicas, o que pode se traduzir em uma maior motivação e sucesso nas atividades escolares.

Para crianças com transtornos de desenvolvimento, como o transtorno do espectro autista (TEA) ou o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), a psicomotricidade terapêutica pode ajudar a desenvolver habilidades sociais e comportamentais. Atividades que incentivam a interação social, a cooperação e o respeito às regras ajudam essas crianças a aprenderem a se relacionar com os outros de maneira mais eficaz. Além

disso, técnicas específicas podem ser usadas para melhorar a atenção, a concentração e o autocontrole, abordando alguns dos desafios comportamentais associados a esses transtornos.

Questões emocionais, como ansiedade, depressão ou dificuldades de regulação emocional, também podem ser abordadas através da psicomotricidade terapêutica. Atividades que promovem a expressão corporal e emocional permitem que as crianças explorem e processem seus sentimentos de maneira segura e construtiva. O movimento pode servir como uma válvula de escape para emoções reprimidas, ajudando as crianças a desenvolverem estratégias de enfrentamento saudáveis e a melhorar seu bem-estar emocional.

Além disso, a psicomotricidade terapêutica pode criar um ambiente de apoio e aceitação, onde as crianças se sentem compreendidas e valorizadas. A relação terapêutica estabelecida entre o profissional e a criança é essencial para o sucesso das intervenções. Essa relação baseada na confiança e no respeito mútuo encoraja a criança a participar ativamente nas atividades e a se empenhar no processo terapêutico.

Portanto, a psicomotricidade terapêutica desempenha um papel crucial no apoio ao desenvolvimento de crianças com necessidades especiais, oferecendo intervenções

personalizadas que abordam suas dificuldades específicas e promovem seu bem-estar geral. Ao combinar o conhecimento especializado com atividades psicomotoras adaptadas, essa abordagem contribui para o desenvolvimento integral das crianças, ajudando-as a alcançar seu pleno potencial.

Estratégias para Implementar a Psicomotricidade nas Escolas

Atividades Lúdicas

As atividades lúdicas são fundamentais para a psicomotricidade, incorporando jogos e brincadeiras que estimulam o movimento, a criatividade e o desenvolvimento integral das crianças. Essas atividades não apenas promovem o exercício físico, mas também oferecem oportunidades para explorar habilidades motoras, sociais e emocionais de maneira divertida e envolvente.

Durante as aulas de educação física ou em momentos de recreação, as crianças podem participar de uma ampla variedade de jogos que são projetados para desenvolver diferentes aspectos psicomotores. Jogos como corrida de saco, queimada, danças coletivas, circuitos de obstáculos e

jogos de equipe incentivam o movimento físico, melhoram a coordenação, o equilíbrio e a resistência.

Além do desenvolvimento motor, as atividades lúdicas também estimulam a criatividade das crianças. Jogos que envolvem improvisação, dramatização, desenho ou construção com materiais diversos permitem que as crianças explorem sua imaginação e expressem suas ideias de maneira única. Essas atividades não só desenvolvem habilidades criativas, mas também promovem a autoexpressão e a confiança pessoal.

A interação social é outro aspecto crucial das atividades lúdicas. Participar de jogos em grupo ajuda as crianças a desenvolverem habilidades de cooperação, comunicação e resolução de conflitos. Elas aprendem a trabalhar em equipe, a respeitar as regras estabelecidas e a valorizar a diversidade de habilidades e perspectivas entre os colegas.

Além disso, as atividades lúdicas proporcionam um ambiente seguro e estimulante para que as crianças experimentem diferentes papéis sociais, aprendam a lidar com vitórias e derrotas de maneira positiva e desenvolvam um senso de pertencimento ao grupo. Essas experiências são essenciais para o desenvolvimento das habilidades sociais e emocionais que são fundamentais para a interação saudável e construtiva na sociedade.

Portanto, incorporar atividades lúdicas no ambiente escolar não só promove a saúde física das crianças, mas também enriquece seu desenvolvimento psicomotor, social, emocional e criativo. Ao oferecer um espaço onde elas possam explorar, experimentar e interagir de maneira positiva, as atividades lúdicas contribuem significativamente para um aprendizado integral e para o bem-estar geral das crianças.

Ambiente Estimulante

O ambiente estimulante é um elemento crucial na psicomotricidade, pois promove o desenvolvimento integral das crianças através da interação entre movimento, percepção e emoção. Diversos teóricos destacam a importância de um ambiente rico e variado para o crescimento saudável e equilibrado.

Jean Piaget, em seus estudos sobre o desenvolvimento infantil, destacou que "a criança aprende através da ação e da interação com o ambiente" (Piaget, 1952). Piaget argumentou que um ambiente estimulante, cheio de oportunidades para exploração e descoberta, é essencial para o desenvolvimento cognitivo.

Henri Wallon também enfatizou a importância do ambiente no desenvolvimento psicomotor. Segundo Wallon,

"o movimento é a primeira forma de comunicação da criança" (Wallon, 1942). Ele acreditava que um ambiente que encoraja o movimento e a expressão corporal ajuda na construção da identidade e das habilidades sociais da criança.

André Lapierre e Bernard Aucouturier, pioneiros na prática psicomotora, desenvolveram métodos que utilizam o ambiente como um meio para promover o desenvolvimento global da criança. Aucouturier afirmou que "um ambiente psicomotor deve ser seguro e ao mesmo tempo desafiador, permitindo que a criança explore suas capacidades e enfrente novos desafios" (Aucouturier, 1995).

Lev Vygotsky, com sua teoria sociocultural, também contribuiu para a compreensão da importância do ambiente no desenvolvimento. Vygotsky destacou que "o desenvolvimento cognitivo da criança é influenciado pelas interações sociais e culturais" (Vygotsky, 1978), sugerindo que um ambiente estimulante deve incluir oportunidades para interação social e aprendizado colaborativo.

Em resumo, um ambiente estimulante na psicomotricidade é fundamental para o desenvolvimento integral das crianças. Ele deve ser seguro, variado e desafiador, proporcionando oportunidades para o movimento, a exploração e a interação social, conforme

destacado pelos teóricos Piaget, Wallon, Aucouturier e Vygotsky. Esses elementos são essenciais para promover o crescimento cognitivo, emocional e social das crianças.

Salas de Aula Flexíveis:

As salas de aulas flexíveis são ambientes educacionais projetados para atender às necessidades diversas dos alunos, promovendo um aprendizado dinâmico e interativo. Na psicomotricidade, essas salas desempenham um papel crucial ao oferecer um espaço onde as crianças podem se mover livremente, explorar e desenvolver suas habilidades motoras e cognitivas.

Jean Piaget, em seus estudos sobre o desenvolvimento infantil, enfatizou que "a criança aprende através da ação e da interação com o ambiente" (Piaget, 1952). Nesse contexto, uma sala de aula flexível, que permite rearranjos frequentes e a utilização de diversos materiais, favorece a exploração e o aprendizado ativo.

Lev Vygotsky também destacou a importância do ambiente de aprendizado. Segundo ele, "o desenvolvimento cognitivo da criança é influenciado pelas interações sociais e culturais" (Vygotsky, 1978). Uma sala de aula flexível facilita essas interações ao criar um espaço que pode ser adaptado para atividades em grupo,

promovendo a cooperação e a comunicação entre os alunos.

Henri Wallon, com seu enfoque na psicomotricidade, ressaltou que "o movimento é a primeira forma de comunicação da criança" (Wallon, 1942). As salas de aula flexíveis, ao permitirem a livre movimentação e a utilização de diferentes recursos didáticos, ajudam a integrar o desenvolvimento motor e cognitivo, promovendo uma aprendizagem mais holística.

André Lapierre e Bernard Aucouturier, pioneiros na prática psicomotora, argumentaram que "um ambiente psicomotor deve ser seguro e ao mesmo tempo desafiador" (Aucouturier, 1995). As salas de aula flexíveis cumprem essa função ao proporcionar um espaço seguro, mas também estimulante, onde as crianças podem enfrentar novos desafios e desenvolver suas capacidades.

Áreas Externas para Brincadeiras:

As áreas externas para brincadeira são fundamentais para o desenvolvimento infantil, proporcionando um espaço onde as crianças podem explorar, interagir e aprender através do movimento e da brincadeira livre. Diversos teóricos destacam a importância desses ambientes para o crescimento físico, emocional e social das crianças.

Friedrich Froebel, fundador do jardim de infância, foi um dos primeiros a reconhecer a importância do brincar ao ar livre. Ele acreditava que "a natureza é o maior campo de jogos" (Froebel, 1826), enfatizando que a interação com o ambiente natural é essencial para o desenvolvimento integral da criança.

Lev Vygotsky, conhecido por sua teoria sociocultural do desenvolvimento, também destacou a importância das brincadeiras para o aprendizado. Vygotsky argumentou que "as crianças aprendem e desenvolvem através da interação social" (Vygotsky, 1978), sugerindo que as áreas externas são ambientes ricos para a construção de habilidades sociais e cognitivas através da cooperação e da comunicação.

Jean Piaget contribuiu significativamente para a compreensão do desenvolvimento infantil através do brincar. Ele sugeriu que "a brincadeira é o trabalho da infância" (Piaget, 1962), destacando que as atividades lúdicas são cruciais para o desenvolvimento cognitivo, permitindo que as crianças experimentem e compreendam o mundo ao seu redor.

Em suma, as áreas externas para brincadeira são vitais para o desenvolvimento saudável das crianças. Elas oferecem oportunidades únicas para a exploração, a interação social e o aprendizado através do movimento e

da brincadeira livre, conforme destacado por teóricos como Froebel, Vygotsky,

Conclusão

A psicomotricidade se revela uma ferramenta poderosa e indispensável na educação, pois integra aspectos fundamentais do desenvolvimento humano. Ao promover a conexão entre corpo e mente, essa abordagem contribui significativamente para o desenvolvimento integral das crianças, indo além das habilidades motoras. A psicomotricidade ajuda as crianças a expressarem suas emoções, formarem suas identidades e socializarem-se de maneira saudável, estabelecendo bases sólidas para a vida adulta.

Além disso, a importância da psicomotricidade se estende ao ambiente escolar, onde o aprendizado se dá de forma mais significativa. A inclusão de atividades psicomotoras no currículo não apenas melhora a coordenação e o equilíbrio das crianças, mas também estimula sua capacidade de concentração e atenção. Essas habilidades são essenciais para o desempenho acadêmico e para a formação de um ambiente de aprendizagem colaborativo e dinâmico.

Outro aspecto crucial é o desenvolvimento emocional proporcionado pela psicomotricidade. As atividades lúdicas permitem que as crianças explorem seus sentimentos e aprendam a lidar com emoções de forma construtiva. O autocontrole e a empatia, desenvolvidos por meio do movimento, são competências valiosas que influenciam positivamente as relações interpessoais e a autoestima dos alunos.

Ademais, a abordagem psicomotora reforça a importância da convivência social. Ao participar de atividades em grupo, as crianças aprendem a respeitar regras, a colaborar e a desenvolver habilidades sociais que são fundamentais para sua formação como cidadãos. Esse aspecto social é vital para a construção de comunidades mais coesas e solidárias.

Por fim, é essencial que educadores e instituições de ensino reconheçam a relevância da psicomotricidade e se empenhem em sua implementação nas práticas pedagógicas. Isso não só prepara as crianças para um futuro mais saudável e consciente, mas também transforma a escola em um espaço de aprendizado integral, onde o desenvolvimento motor, emocional e social caminha lado a lado. Assim, investindo na psicomotricidade, estamos formando indivíduos mais completos e preparados para os desafios da vida.

Referências

AUCOUTURIER, B. (1995). *A prática psicomotora: Uma terapia*. Porto Alegre: Artes Médicas.

AUCOUTURIER, B. *A psicomotricidade: uma abordagem da criança*. São Paulo: Ed. Summus, 2000.

BRAZ, A. *Psicomotricidade: um caminho para a inclusão escolar*. Curitiba: Editora Positivo, 2016.

CARVALHO, M. C.; CIASCA, S. M.; RODRIGUES, S. D. Há relação entre desenvolvimento psicomotor e dificuldade de aprendizagem? Estudo comparativo de crianças com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, dificuldade escolar e transtorno de aprendizagem. *Revista Psicopedagogia*; 32(99): 293- 301, 2015.

FONSECA, V. *Psicomotricidade: corpo, ação e emoção*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FREIRE, J. B. *Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física*. São Paulo: Scipione, 1997.

FROEBEL, F. (1826). *A Educação do Homem*. Nova York: A. Lovell & Company.

GONÇALVES, J. *Desenvolvimento motor e psicomotricidade na infância*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2014.

LAPIERRE, A., & Aucouturier, B. (1974). *A Simbologia do Movimento: Psicomotricidade e Educação*. Buenos Aires: Kapelusz..

LE BOULCH, J. *Psicomotricidade e educação: uma abordagem prática*. Lisboa: Edições 70, 1997.

LOUV, R. (2005). *Última Criança na Floresta: Salvando Nossas Crianças do Transtorno de Déficit de Natureza*. Chapel Hill, NC: Algonquin Books..

MONTEIRO, C. M.; MOREIRA, L. *Psicomotricidade: teoria e prática*. Porto: Porto Editora, 2015.

PEREIRA, L. F. *Psicomotricidade: fundamentos e práticas na educação*. São Paulo: Ed. Moderna, 2013.

PIAGET, J. (1952). *As Origens da Inteligência nas Crianças*. Nova York: International Universities Press.

PIAGET. (1962). *Brincadeira, Sonhos e Imitação na Infância*. Nova York: Norton.

RODRIGUES, D.; AVIGO, E. L.; LEITE, M. M. V.; BUSSOLIN, R. A.; BARELA, J. A. Desenvolvimento motor e crescimento somático de crianças com diferentes contextos no ensino infantil. *Motriz*, Rio Claro, suplemento, v. 19, nº 3, 2013.

ROSA NETO, F. *Manual de avaliação motora*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SILVA, A. S.; GOMES, M. A. *O papel da psicomotricidade no desenvolvimento integral da criança*. *Revista Brasileira de Educação Física*, v. 32, n. 2, p. 45-56, 2018.

SOUZA, R. *Psicomotricidade na educação infantil: teoria e prática*. São Paulo: Cortez Editora, 2017.

WALLON, H. (1942). *As Origens do Caráter na Criança: Os Prelúdios do Sentimento de Personalidade*. Paris: PUF.

VYGOTSKY, L. S. (1978). *Mind in Society: The Development of Higher Psychological Processes*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

**CAPÍTULO VI - RELAÇÃO DA ARTETERAPIA COM O
COTIDIANO PROFISSIONAL DA PSICOPEDAGOGIA:
CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS (MARIA ALEXANDRA SANTOS
DE SOUSA; MARIA VERÔNICA QUIRINO DA SILVA; GIRLENE
DE AMORIM JESUS)**

Relação da Arteterapia com o cotidiano profissional da Psicopedagogia: contribuições teóricas

Maria Alexandra Santos de Sousa⁴

Maria Verônica Quirino da Silva⁵

Girlene de Amorim Jesus⁶

RESUMO

Desde a pré-história, a arte surge como um instrumento importante para as sociedades. A arte possibilita a transmissão horizontal de informações, costumes, expressões e saberes. Além disso, propicia a liberdade de expressão e exposição de aspectos resultantes do cognitivo individual do sujeito. Dessa forma, destaca-se a relação da arte com a área da psicopedagogia. Desenvolver uma breve dissertação teórica sobre a Arteterapia e sua importância para o cotidiano da psicopedagogia. Atualmente, a arteterapia tem ganhado cada vez mais espaço de discussão. O uso desse instrumento está relacionado à expressão artística com foco na terapêutica de algum agravo específico. Apesar de sua utilização ser realizada em maior parte por profissionais da área da saúde, a arteterapia é muito eficiente para os profissionais arte-educadores. Destaca-se a importância dessa ferramenta na psicopedagogia. Os psicopedagogos podem utilizar diversas técnicas artísticas para o desenvolvimento da arteterapia, entre elas a: desenho, colagens, fotografia, teatro, dança e outros. Conclui-se a importância da arteterapia como instrumento prático para o profissional de psicopedagogia. Uma vez que a utilização dessa ferramenta contribui significativamente para o desenvolvimento de ações de avaliação e criação de intervenções. Ademais, considera-se o uso da arteterapia como um recurso inovador e capaz de trabalhar as questões que permeiam o emocional e cognitivo dos sujeitos.

PALAVRAS-CHAVE: Arteterapia. Educação.
Psicopedagogia.

⁴ Psicopedagoga. Professora adjunta do Município de Nova Olímpia - MT. E-mail: alexandra.vit2024@gmail.com

⁵ Psicopedagoga. Professora adjunta do Município de Nova Olímpia - MT.

⁶ Neuropsicopedagoga. Professora adjunta do Município de Nova Olímpia - MT.

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios, a arte é considerada uma ferramenta essencial para o estabelecimento de comunicação entre os indivíduos. Além disso, Ribeiro e Andrade (2022) salientam que no período pré-histórico a arte, enquanto instrumento popular, pôde propiciar a transmissão de saberes e costumes entre os indivíduos e, conseqüentemente, a perpetuação de expressões, valores e ideias até os dias atuais. De acordo com Jung (1920), a arte apresenta-se como uma forma de expressão resultante da demonstração do inconsciente de cada indivíduo. Dessa forma, essa ferramenta possibilita a liberdade de expressão e a exposição de sensibilidade e criatividade. Salienta-se, portanto, que o efeito democrático da arte propicia a expressão criativa de ações e ideias advindas do cognitivo individual (Barbosa, 2006). Dessa forma, destaca-se a relação imbricada que a arte possui com o ramo da psicopedagogia, uma vez que esse instrumento se apresenta como artifício essencial para o desenvolvimento afetivo, social e cognitivo de indivíduos de modo a promover um desenvolvimento integral do meio coletivo.

No ramo da psicopedagogia, a arte é uma metodologia relevante para o cotidiano dos alunos. Pois,

possibilita que o paciente/aluno acesse sua imaginação e afetividade, demonstre suas necessidades e auxilia no processo de superação de suas dificuldades de ensino-aprendizagem (Ribeiro e Andrade, 2022). Nesse ínterim, Rodrigues (2017), enfatiza que a utilização da arte propicia a mobilização e a cativação dos indivíduos para determinados assuntos que são, muitas vezes, complexos de serem trabalhados. Dessa forma, por meio da relação entre a arte e a psicopedagogia, inaugura-se a importância do uso da arteterapia pelos profissionais psicopedagogos. A partir do exposto, pauta-se como objetivo do presente artigo **desenvolver uma breve dissertação teórica sobre a Arteterapia e sua importância para o cotidiano da psicopedagogia.**

DESENVOLVIMENTO

No Brasil, a Arteterapia tem conquistado cada vez mais novos espaços e se consolidado como um instrumento significativo do cotidiano de algumas profissões. O ramo da arteterapia baseia-se na utilização de arte com foco na melhoria terapêutica de pacientes que possuem algum agravo biopsicossocial (Carvalho, 1995). De acordo com Reis (2014) a Associação Brasileira de

Arteterapia defende que a utilização dessa ferramenta baseia-se no uso da criatividade artística com foco na realização da comunicação entre os atores envolvidos. A partir desse conceito, percebe-se que, comumente, a arteterapia é utilizada em prol da saúde. Dessa forma, pode-se afirmar que a arteterapia tem por objetivo refletir e debater a importância da arte como fator de promoção de saúde e transformação social na passagem do Milênio. Assim, esse instrumento analisa, acima de tudo, o processo de criação artística do paciente por meio da expressão de arte em todos os níveis e linguagens, como a pintura, o desenho, o teatro, a plástica, o som, a literatura e outros.

Com relação ao seu surgimento, acredita-se que a Arteterapia surge em meados da década de 30 a partir das teorias dos pensadores Freud e Jung. Carvalho e Andrade (1995) explicam que esses autores foram responsáveis por construir as primeiras bases que sustentam a definição e o uso prático dessa ferramenta. Essa afirmação é pautada na informação de que Freud (1856-1939) ao analisar algumas obras de arte, se deu conta de que elas apresentavam características diferentes e, através de sua análise, concluiu que as obras expressavam aspectos inconscientes do artista. Dessa forma, Freud passou a acreditar que as obras permitiam que o artista expressasse o que estava

reprimido e, assim, funcionavam como uma forma de comunicação do artista com os apreciadores. Reis (2014) pontua que Freud acreditava na ideia de que o inconsciente se expressa por imagens. Dessa forma, entendia que a expressão artística funcionava como um acesso fácil ao inconsciente do artista. Uma vez que, diferente de um momento de conversa, dificilmente, o artista conseguiria esconder ou mascarar seus pensamentos mais internos ao realizar sua arte. Contudo, apesar de tamanho avanço, Freud não chegou a associar a arte como um processo terapêutico.

Anos mais tarde, o autor Jung (1875-1961) - considerado discípulo de Freud -, desenvolveu sua própria teoria intitulada como Psicologia Analítica. A Psicologia Analítica de Jung associava a linguagem artística com a psicoterapia (Reis, 2014). Enquanto Freud considerava a expressão artística como uma forma de liberação das pulsões, o teórico Jung acreditava que a arte era uma função psíquica natural e estruturante capaz de possibilitar a cura de alguns agravos à medida que o indivíduo transformava o que estava em seu inconsciente em algo simbólico e expressado, muitas vezes, em forma de arte (Silveira, 2001). Os registros mostram que os pacientes de Jung eram instruídos a desenhar ou pintar o que viam, sentiam e consideravam importante de seus sonhos. Dessa

forma, o teórico analisava as produções artísticas criadas e as entendia como um símbolo do inconsciente (Andrade, 2000). Reis (2014) pontua que, mais tarde, outros pensadores e teóricos trabalharam a arteterapia e seus aspectos, como a educadora norte-americana Margareth Naumburg (1890-1983) e, no Brasil, o psiquiatra Osório César (1895-1979) e a médica Nise da Silveira (1905-1999).

Ainda sobre o Brasil, o uso da expressão artística (desenho, pintura, modelagem, música, dança, construções, drama) no diagnóstico e no trabalho psicoterápico passou a ser algo sedimentado na psicologia clínica (desde aproximadamente 1940) e na academia. Dessa forma, hoje em dia, verifica-se o uso, em larga escala, da Arteterapia em instituições de Reabilitação Física e Cognitiva como Associação de Assistência à Criança Deficiente (AACD), Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) e outros hospitais. Ademais, a arte tem sido excelente instrumental nas terapias sexuais, familiares e nos problemas do dia a dia, principalmente nos casos de dificuldade de comunicação verbal oral. Ademais, é importante citar que o processo de arteterapia facilita o contato com a percepção e órgãos sensoriais, integrando a sabedoria intuitiva, os sentimentos inscritos na memória corporal e psíquica e o nível racional adequado para a

organização e discernimento das escolhas, prioridades e ideias. A arte age como importante agente curativo de nossos desequilíbrios, atualizando situações negativas em nossos registros mentais, as possibilidades do desenvolvimento da personalidade.

É importante ressaltar que a Associação Brasileira de Arteterapia considera que esse ramo é uma especialização destinada a cursos da área da saúde, como Enfermagem, Psicologia, Fisioterapia e Medicina. Contudo, reconhece-se a importância da utilização da arteterapia com foco nos aspectos clínicos pelas áreas das artes e da educação. Uma vez que a utilização dessa ferramenta por arte-educadores contribui significativamente para a realização de promoção da saúde e qualidade de vida para os indivíduos. Nos dias atuais, a arteterapia não está voltada apenas aos consultórios, por outro lado, revela-se como uma ferramenta importante para as áreas da psicologia, saúde e escola e entre outras. Dado que, a depender da formação profissional e do indivíduo atendido, a utilização da arteterapia pode assumir diferentes enfoques, como: avaliação diagnóstica, prevenção, tratamento e reabilitação. Dessa forma, seu uso perpassa o pedagógico e a saúde (Reis, 2014).

Nesse sentido, cabe salientar que na área da psicopedagogia, a arteterapia é considerada um

instrumento importante e necessário para o cotidiano profissional. A associação dessas duas ciências se dá pelo fato de que a psicopedagogia surge como uma formação que age na identificação dos fatores que podem interferir no processo de construção individual e no desenvolvimento de potencialidades. Dessa forma, como mencionado, a utilização da arteterapia tem potencial significativo para auxiliar nesse processo de identificação diagnóstica e, em alguns casos, proposição de intervenções em situações de dificuldades de aprendizagem, alguns transtornos e desenvolvimento pessoal do indivíduo (Ribeiro e Andrade, 2022). Ribeiro e Andrade (2022) salientam ainda que, ao utilizar a arteterapia, o psicopedagogo proporciona a possibilidade de o indivíduo reconhecer limitações e dificuldades e, a partir disso, trabalhá-las de modo a se desenvolver aspectos ligados à criatividade, relacionamento, autoconhecimento e comunicação. Entre as técnicas de arteterapia que os psicopedagogos podem dispor, estão: desenho, fotografia, colagens, máscaras, construções, desenvolvimento de personagens, teatro, dança e entre outros. Isso significa que qualquer expressão artística que possibilite a exposição da subjetividade individual pode ser utilizadas como técnica da arteterapia (Rodrigues, 2010).

CONCLUSÃO

A partir do exposto, cabe reafirmar que a prática da arteterapia, não fica restrita aos médicos e aos psicólogos. Pois, nos dias atuais, a área educacional é campo de grande aplicação dessa ferramenta. Em razão disso, entende-se a importância do uso da arteterapia como instrumento prático do cotidiano profissional do psicopedagogo, uma vez que, sua contribuição possibilita o desenvolvimento de recursos e técnicas avaliativas e maiores probabilidades de intervenção. Dessa forma, a utilização da arteterapia no contexto da psicopedagogia é considerada um recurso inovador, eficaz e possibilitador o desenvolvimento de subsídio de forma preventiva ou remediativa a essência do ser, saber e entender. Além disso, essa ferramenta proporciona o alcance da harmonia emocional e afetiva dos sujeitos aprendizes.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, L. Q. Terapias expressivas. 1 ed. São Paulo: Vetor, 2000.

BARBOSA, A. M.. Arte-Educação no Brasil. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

CARVALHO, M. M. M. J.; ANDRADE, L. Q. A. Breve histórico do uso da arte em psicoterapia. *In*: CARVALHO, M. M. M. J. A arte cura? Recursos artísticos em psicoterapia. Campinas, SP: Editorial Psy II, 1995, p. 27-38.

JUNG, Carl Gustav. Fundamentos da Psicopedagogia Analítica. 4 ed. Rio de Janeiro: Vozes. 2004.

REIS, A. C. Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do psicólogo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 34, n.1, p. 142-157, jan. 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932014000100011>.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/5vdgTHLvfkzynKFHnR84jqP/#>. Acesso em: 02 jun. de 2024.

RIBEIRO, C., ANDRADE, M.. A arte terapia como ferramenta auxiliar da psicopedagogia: a importância da arte na avaliação à intervenção psicoeducativa. *Revista Pesquisa e Educação a Distância, América do Norte*, v.1, n. 1, abr. 2022. Disponível em: <http://revista.universo.edu.br/index.php?journal=2013EAD1>

&page=article&op=view&path%5B%5D=9487&path%5B%5D=4952 . Acesso em: 02 jun. 2024.

RODRIGUES, R. N. L.; SOUZA, L. J.; TREVISO, V. C. Arte-
educação: a relevância da arte no processo de ensino e
aprendizagem. Revista Cadernos de Educação: Ensino e
Sociedade, Bebedouro, v. 4, n. 1, p. 114-126, 2017.
Disponível em:
<[https://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cader
nodeeducacao/sumario/50/26042017193023.pdf](https://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cader
nodeeducacao/sumario/50/26042017193023.pdf)>. Acesso
em: 01 jun. de 2024.

SILVEIRA, N. O mundo das imagens. 1 ed. São Paulo:
Ática, 2001.

Livro digital:

ISBN 978-658733377-9



Livro impresso:

ISBN 978-658733378-6

